

CONTINUA A POLITICA

CONTRA O REGIME DAS MULTAS

EM todas as fábricas e locais de trabalho pelo país a fora, levanta-se um côro de protesto contra a chamada assiduidade ao serviço.

Pod parecer, sem maior exame, que os trabalhadores estão se opondo ao funcionamento normal das empresas, ou, como dizem os patrões, visam apenas diminuir a produção. Na verdade, porém, é contra um odioso regime de multas sobre os salários, introduzidos debaixo da capa da "assiduidade", que os trabalhadores protestam com toda a razão.

Esse regime foi instituído no país quando dos aumentos de salários determinados pela Justiça do Trabalho, e também pela lei do descanso semanal. Os salários foram aumentados ante a crescente e insuportável elevação do custo da vida e ante a forte pressão das massas, mas, ao mesmo tempo, foi atribuído aos patrões o direito de multar o trabalhador, de descontar boa parte dos seus salários sempre que, por qualquer circunstância, falte ao serviço ainda que somente por algumas horas.

Isto se passa em várias indústrias, principalmente na de tecidos. Os operários têxteis, em algumas cidades, obtiveram através do dissídio coletivo, um aumento de 40% nos salários. De 20 cruzeiros, por exemplo, que ganhavam, passaram a perceber 28, totalizando suas f. las semanais 168 cruzeiros (sem incluir o repouso remunerado). Entretanto, se o operário faltar um dia ao serviço ele recebe, no fim da semana, não 140 cruzeiros, como seria devido, mas apenas 100, isto é, 5 dias, à razão de 20 cruzeiros, pois o aumento concedido foi condicionado a 100% de sua assiduidade ao serviço.

Esse operário, na prática, é multado pelo patrão em 40 cruzeiros já que a sua produção nos 5 dias em que trabalhou é igual à dos operários não faltosos em idêntico período e vale portanto o mesmo preço — 28 cruzeiros diários.

Cóisa semelhante se passa com o repouso semanal remunerado. Que é o descanso remunerado, senão um aumento de 16,636% nos salários? Os operários que ganhavam 120 cruzeiros por semana passaram a ganhar 140. Entretanto, se eles faltarem um dia ao serviço, recebem apenas 100 cruzeiros, redução que ir porta em pesada multa.

A remuneração dos domingos e feriados não é uma gratificação adicional que o patrão pode ou não pagar. Ela é parte integrante do salário. E basta ver, para comprovar esta verdade, que o patrão ao contratar um novo operário, em geral calcula os seus salários dividindo por 7 aquilo que lhe devia pagar por 6 dias.

E', assim, evidente, que os descontos nos salários sob o pretexto de assiduidade, não assam de um simples e descarado sistema de multas, um verdadeiro roubo contra o qual os trabalhadores protestam e precisam lutar energeticamente. O aumento de salários nada tem a ver com a assiduidade ao serviço. O operário recebe um salário não porque vai à empresa, mas porque produz determinada quantidade de mercadorias para o patrão. O patrão não PERDE se o operário não comparece ao serviço; ele apenas não LUCRA — não se beneficia da mais valia, da parte de trabalho que não foi paga ao operário.

Ademais, as faltas ao serviço não dependem da vontade do trabalhador. Ao contrário, o seu interesse é trabalhar todos os dias já que vive do salário, e o salário é tão baixo que mal cobre suas necessidades mais imediatas. Um dia de salário que o operário perde acarreta grandes transtornos à sua economia doméstica. O trabalhador falta ao serviço por motivos forçados: é a sub-alimentação permanente, é o esfalfamento crônico do trabalho estafante, é (so estudo para a mulher trabalhadora) a doença dos filhos e a falta de transportes, é enfim uma série de fatores determinados pelo próprio regime de injustiça social que vigora em nosso país.

Por que pois, deve o trabalhador, além do prejuízo que sofre, pagar multa ao patrão, quando falta ao serviço?

Essa multa cobrada sob o disfarce de "as-

(Conclui na 11.ª pág.)

João AMAZONAS

DE SUBMISSÃO AO DOLAR

É o Próprio Governo do Acôrd Interpartidário o Responsavel Pela carta de Correia e Castro a Snyder -- A carta e a Politica de Guerra

A SAIDA do negociista Correia e Castro do Ministério da Fazenda, diante do clamor público que se levantou contra os termos de sua carta de entrega do Brasil, endereçada ao Secretário do Tesouro norte-americano, John Snyder, representa decerto uma vitória do povo, diante de cuja indignação o sr. Dutra foi obrigado a recuar da posição que a princípio tomou, negando-se "termantemente" a aceitar o pedido de demissão, para concedê-la afinal. Mas esse

ato não elimina o perigo da entrega, porque a carta é apenas um detalhe e uma manifestação de toda a política que vem sendo executada pelo governo Dutra — política que de há muito os comunistas, com Prestes à frente, vem denunciando como contrária aos interesses de nosso povo, atentatória à soberania e independência da pátria, como uma política de traição nacional.

Em verdade a carta tem dois anos de existência, é oficial e não individual — tanto assim que faz parte do Relatório Abbink e, segundo noticiou um vespertino, o seu rascunho foi submetido à consideração do sr. Dutra, antes de ser enviada, e até mesmo a redação final foi feita pelo chefe de sua Casa Civil, o sr. Pereira Lira. Além disso, foi como resultado dessa carta infame que o governo de Washington enviou ao Brasil a colonizadora Missão Abbink, que fez um inventário completo de toda a nossa vida econômica e financeira e agiu de tal maneira a despertar uma onda de revolta contra sua presença em nosso país. A própria viagem do sr. Dutra aos Estados Unidos, o tratado que assinou em princípio com o sr. Truman, teve como mola propulsora a negrada carta — pois a declaração conjunta afirma mesmo que se baseia nos resultados da Missão Abbink para coroar tudo isso, basta lembrar que o elemento logo escolhido pelo governo para concretizar o tratado de entrega foi precisamente o vende-pátria, o execrado autor da carta.

NAO SE ALTEROU A POLITICA DE ENTREGA

ASSIM, embora demitido, o sr. Correia e Castro, não se alterou a nefasta e anti-nacional política do governo, porquanto o usurário banqueiro do "Lar Brasileiro" era apenas uma peça da máquina oficial, e foi substituído por outra peça igual, a serviço dos interesses ianques no Brasil. De fato, diz a carta: A cooperação solicitada se traduzirá em empréstimos, com as necessidades, garantias de aplicação e resgate, a juros compensadores, permitindo aos Estados Unidos aplicação segura de capitais". E a ocorrência do sr. Otávio Bulhões, representante do Ministério da Fazenda do Brasil nos Estados Unidos, declarou à imprensa daquele país que a modificação ministerial não alterará as negociações para a inversão de capitais ianques em nosso país isentos de taxaço.

Os outros ministros do governo Dutra seguem a mesma orientação de limpeza do caminho para a total colonização.

(Conclui na 2.ª página)

(Conclui na 11.ª página)

VOZ OPERÁRIA

DERROTAR A LEI DE SEGURANÇA



SOE A PRESSÃO da bancada interpartidária apressa-se a Camara em votar a Lei de Segurança do Estado, código fascista de mordida da opinião pública e de opressão contra o povo. Pior e mais cinico, que toda legislação celerada do Estado Novo, a lei monstro que o governo Dutra volta a exigir acodadamente é mais uma tentativa desesperada de manter e levar até as últimas consequências a política de submissão ao dolar, tão vergonhosamente traçada na carta revoltante de Correia e Castro ao secretário do Tesouro norte-americano.

Contra o que se dirige a famigerada lei de segurança. Em palavras, "contra os que atentarem à segurança nacional e às instituições". Na realidade, contra todo o povo, contra os patriotas que resistem ao avassalamento nacional e lutam pela liberdade. Nenhuma demagogia "jurídica" e "constitucionalista" dos Prado Kelly e dos Afonso Arinos, dos João Mangabeira e dos Hermes Lima não consegue mascarar este caráter infame da "lei lameira". Um governo que, como o do sr. Dutra, endossa e continua a política de lellão do país traçada na carta humilhante de Correia e Castro não pede leis de archo, como a famigerada lei de segurança, para defender a soberania nacional e a integridade do solo sagrado de

A Verdade

LEIA NO PROXIMO NUMERO (Folhetim de "Vóz Operária")

Sôbre os Diplomatas Americanos

Documentário sôbre a vida e as atividades dos diplomatas ianques no exterior, de autoria da cidadã norte-americana Annabella Bucar, ex-funcionaria da embaixada dos EE. UU. em Moscou

SABIAS PALAVRAS DE PRESTES

RUI FACO

A 18 DE JUNHO completam-se três anos do grande discurso de Prestes, na Assembléa Constituinte sobre o problema da terra. Esse breve espaço de tempo se encarregou de mostrar quanto são sábias as palavras de Prestes em sua magistral análise da estrutura econômica do país. Os próprios senhores do acordo interpartidário, que em 1946 contestavam as palavras de Prestes, aparecem hoje perante o povo como simples bonecos manejados pelos dois monstros que devoram as energias nacionais e que, como dizia Prestes, "estão de fato impedindo o progresso do Brasil — as grandes propriedades ou o monopólio da terra e a exploração do povo pelo capital estrangeiro monopolizador".

A liquidação das liberdades democráticas, a catástrofe econômica, a debacle financeira, o reacionarismo do Congresso, a ditadura do Executivo, tudo isso está previsto no famoso discurso de 18 de junho.

"Toda a nossa estrutura econômica — afirmava Prestes — está por todos os lados e está a exigir reformas profundas, que tirem o Brasil da miséria e do atraso", acrescentando ao mesmo tempo que "a economia nacional está a exigir um ritmo novo e maior na solução dos nossos problemas fundamentais, se quisermos evitar a crise, a guerra civil, a completa colonização".

"A verdade — acrescentava Prestes — é que o Brasil chegou nos dias de hoje a constituir um dos países mais atrasados do mundo".

Mas o líder do povo brasileiro não ficava na simples constatação. Buscava as causas profundas do nosso atraso e as encontrava nas relações de produção, no monopólio da terra, na concentração da propriedade. E Prestes chegava finalmente ao estudo da situação política determinada pelas condições econômicas.

"E o monopólio da terra — dizia — que gera as oligarquias estaduais e municipais, que anula na prática a democracia e a própria autonomia municipal. Vivemos os do povo sob o domínio dos coronéis, chefes e chefetes, senhores de barão e do cutelo". "Mas, além do latifúndio, acrescentava Prestes, dificulta também e impede o nosso desenvolvimento econômico a dominação do capital estrangeiro. Além de semi-feudal é também semi-colonial a nossa economia... O poder dos "trusts", dos monopólios, dos grandes banqueiros, é suficiente para tudo isso. E o suborno dos homens e a espionagem e as perseguições após que se não doblam".

Estas palavras de Prestes são a mais completa dissecção da vida nacional que já se fez no Brasil. O diagnóstico mais severo dos males do passado e do presente, válido até que tenhamos derrotado a atual estrutura econômica, liquidando o monopólio da terra e eliminando o domínio dos financistas dos Estados Unidos sobre o nosso país.

Embora não esquecermos que em junho de 1946 algumas liberdades democráticas ainda estavam em vigor, não se haviam registrado ainda assaltos armados a jornais nem se projetava cassar mandatos de representantes da classe operária, embora o povo já fosse tiroteado na praça pública, como ocorreu a 23 de maio no Largo da Carioca. Mas as ilusões quanto à democracia predominavam ainda. Prestes, no entanto, como marxista, via quanto era precário esse arremedo de democracia. A volta à ditadura seria o caminho natural do governo desde que a base econômica permanecesse a mesma, com a concentração monopolizadora do monopólio da terra, o domínio dos senhores feudais sobre a imensa maioria da população, tornando o organismo nacional indefeso à penetração do imperialismo, no caso o norte-americano, mais agressivo e mais próximo.

Com esse objetivo, apresentava em nome do Partido Comunista diversas emendas ao projeto de Constituição, as quais, entretanto, seriam rejeitadas em bloco pelos futuros participantes do acordo interpartidário, tanto pesedistas como udenistas. Votavam esses senhores como representantes dos grandes latifundiários e dos agentes do imperialismo. Estavam no seu papel.

O povo brasileiro tem sido testemunha e vítima de tudo quando ocorreu nos três anos passados. As palavras cinicas pronunciadas hoje pelo sr. José Américo sobre o suposto fracasso do seu acordo interpartidário não conseguem ocultar que graças a esse acordo se praticaram as mais infames negociações a custa do povo, que o povo foi levado à miséria achando-se o país praticamente hipotecado aos Estados Unidos.

Neste sentido, nenhum documento mais típico da situação de descabro a que chegou o país do que a carta do Ministro da Fazenda Correia e Castro ao Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, John Snyder, quando o membro do governo Dutra entrega o país ao imperialismo lanqueado, dizendo: "DEIXO EM VOSSAS MÃOS A SOLUÇÃO DO PROBLEMA VITAL DE NOSSO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E DA RESTAURAÇÃO DE NOSSAS FINANÇAS".

Isso significa que o país está sem governo e que os

RIO GRANDE DO SUL

Intensificam-se os trabalhos preparatórios para o Primeiro Congresso Municipal dos Camponeses que se realizará no município de Santo Angelo. Novas ligas camponesas vêm sendo organizadas para participarem ativamente do conclave. Ultimamente foram fundadas as organizações camponesas de Inhacorá e Restinga Seca, no município de São Luiz Gonzaga.

CEARA

A imprensa de Fortaleza denuncia que por trás das grandes empresas de ônibus

que estão pretendendo a elevação dos preços das passagens se encontram os trusts automobilísticos norte-americanos, notadamente os agentes da Chrysler e da Standard Oil.

S. PAULO

O vereador Padre Arnaldo de Moraes Arruda falando sobre a carta do sr. Correia e Castro ao Secretário do Tesouro Americano, disse: — «Além de ser uma carta indigna em seus termos de servilismo vil, equivale a

Estão Sendo Esfomeados Os Ferroviários do Paraná

NO TRECHO entre Ponta Grossa e Itararé trabalham 300 homens das turmas de conservação da Rede de Viação Paraná-Santa Catarina. Ganham salários de 600 a 650 cruzeiros, para se manterem com mulher e filhos.

Mas esses são os salários brutos, porque os descontos consomem quase 20 por cento dos mesmos. No envelope de pagamento de um turmeiro referente ao mês de janeiro deste ano há os seguintes descontos, seguro de vida (Clas. Sul América, Metrópole e Equitativa) — Cr\$ 29,90; Cooperativa (jola e mensalidade) — Cr\$ 28,50; Campanha da Criança — Cr\$ 5,00; e «nosso desconto» (para o qual a direção da estrada não encontrou ainda nenhum nome) — Cr\$ 3,00. Há, assim, um desconto de 85 cruzeiros e 80 centavos num salário de 50 cruzeiros. São, na prática, quatro dias em que o turmeiro trabalha gratuitamente, sem que disso obtenha qualquer benefício.

MISERIA

Os turmeiros, como a es-

SALARIOS DE 600 CRUZEIROS COM QUASI 20% DE DESCONTOS — AS MAQUINAS, QUANDO SE DESARRANJAM, VAO SER REPARADAS NAS OFICINAS; OS FERROVIARIOS, QUANDO ADOECEM, MORREM EM CIMA DO TRABALHO — LUTA POR AUMENTOS DE SALARIOS

magadora maioria dos trabalhadores da estrada não podem mandar seus filhos à escola — as crianças não têm roupas nem sapatos — mas são obrigados a descontar 5 cruzeiros para a campanha da criança. Gastam mensalmente, cerca de 30 cruzeiros com seguros de vida, mas se ficam inválidos recebem apenas 200 cruzeiros mensais, qualquer que seja o tempo de serviço que possuam. O dinheiro que entregam para a «Cooperativa» serve apenas para engordar Nelson Catapeta, diretor-presidente e Alvíno Caboná, que no tempo do Estado Novo era pelego ministerialista e hoje já possui cavalos de raça e duas

chácaras onde trabalham para ele empregados pagos com o dinheiro da Cooperativa. Já faz mais de dez anos que a diretoria dessa organização é a mesma e até hoje não distribuiu nenhum dividendo.

MANOBRAS DA ESTRADA

Com a aprovação da lei de regulamentação do repouso semanal remunerado, a direção da estrada enquadrou os ferroviários na categoria de mensalistas, alegando que lhes daria um aumento de salários. Com isso, os trabalhadores classificados na classe B passaram para a classe A, ganhando menos. A estrada resolveu, ainda, que quem perder um dia de trabalho também perde o salário do domínio os mensalistas recebem os salários mensais com dois dias de descontos. Para os turmeiros, essa manobra representa uma diminuição de 40 cruzeiros em seus salários de fome.

Os operários são tratados pior que os animais de tração. Em Ourinhos, um trabalhador de pintura adoeceu e conseguiu do médico da estrada licença para tratamen-

to de saúde. Entretanto, lhe foi negado o direito de hospitalização, sendo obrigado a trabalhar mesmo doente. Só conseguiu, dado seu estado de fraqueza, trabalhar 18 dias e ganhou apenas 444 cruzeiros. Só a Cooperativa descontou-lhe 352 cruzeiros de fornecimento de gêneros. Sobraram-lhe, após os outros descontos, 25 cruzeiros para pagar aluguel de casa (200 cruzeiros) e comprar remédios!

A, máquinas, quando sofrem qualquer desarranjo, vão para as oficinas, para reparo; o ferroviário, quando adoece, em consequência da sub-alimentação e das rigorosas condições de trabalho morre no trabalho bruto como os escravos de antigamente.

LUTA

É realmente impossível a esses trabalhadores assistir de braços cruzados ao seu próprio extermínio e de seus filhos pela fome. Não podem suportar sem revolta a exploração e a miséria em que mais e mais estão sendo mergulhados. Compreendem que é preciso sair desta situação. E só o conseguirão com suas próprias lutas, através de suas próprias lutas. Organizadas e unidas, lutando resolutamente por suas reivindicações, ao lado de todo o povo trabalhador, poderão impedir que suas companhias e filhos morram de fome enquanto seus exploradores enriquecem continuamente.

Derrotar a Lei...

(Conclusão da 1.ª página)

gar as lutas grevistas que se erguem por todo o país contra a exploração patronal desenfreada e a carestia de vida, como pretende impedir que todas as forças patrióticas cheguem, através de suas lutas, a se levantar numa ampla frente de massas para impor um alto na intensa preparação guerrilha que se realiza em nossa terra, a serviço dos planos de agressão dos colonizadores ianques.

Aos patriotas, aos democratas, aos trabalhadores e camponeses, aos jovens que não querem servir de carne de canhão para Wall Street, a todos os que sentem a necessidade de defender o seu direito à vida, à liberdade e à soberania pátria, não pode escapar o dever de se unirem para derrotar a nova lei monstruosa, que é mais um passo do governo Dutra em sua política de abdicação nacional, de esfomeamento do povo e vasalagem aos planos de guerra dos magnatas atômicos. Para derrotá-la, na verdade, o caminho mais seguro é o das lutas de massas pelas reivindicações e em defesa das riquezas nacionais, indissolivelmente ligadas à defesa da paz e à reconquista das liberdades populares.

interesses do povo têm sido miseravelmente traídos.

«Cometeríamos um crime — dizia Prestes em seu discurso de junho de 46 — insistindo em estabelecer novamente a ditadura de fato do Executivo, porque assim agindo estamos apontando com a Revolução para todos aqueles que querem o progresso do Brasil e não se conformam com a morte da democracia em nossa Pátria».

A verdade é que a apodrecida burguesia nacional vendendo-se de corpo e alma ao imperialismo, fechou as portas pacíficas para a solução dos problemas nacionais.

O SANGUINARIO

AINDA no domingo passado o sr. Tristão de Ataíde tentou julgar dois homens com dois adjetivos. A Mao Tse Tung deu o adjetivo de "sanguinário". A Truman, "pacífico". Com esse julgamento pensa o sr. Ataíde educar a nossa juventude, guiar os jovens católicos. Estes precisamente não podem estar muito enganados quanto ao "pacifismo" de Truman e quanto ao "sanguinarianismo" de Mao Tse Tung; os próprios telegramas contam que a onda sanguinária na China refletiu, com efeito, a proporção que a onda da paz avançou com os exércitos populares.

Num informe de Mao, publicado em "Problemas", vemos como o grande estadista define a revolução chinesa e como indica as medidas para impedir a violência, as represálias indiscriminadas, os julgamentos sumários. E a história da revolução chinesa pode muito bem mostrar o quadro de matanças de execuções, de torturas que ensopou de sangue o chão da China e sua civilização, o seu povo inenunciado e oprimido hoje quase inteiramente libertado. O "sanguinário" Mao retira de cima do povo as forças do Chiang, os fusis da matança pública, as cadeias que eram inundadas com os prisioneiros dentro. O "sanguinário" Mao liberta milhões de mulheres que eram vendidas, servas de generais, concubinas de generais, mercadoras de generais. O "sanguinário" Mao viu a sua primeira esposa fuzilada por Chiang. O "sanguinário" Mao não manda entrar em Changai para vingar indiscriminadamente as execuções feitas em praça pública, cujas fotografias foram distribuídas pelo mundo. Foi o "sanguinário" Mao quem mandou atirar bombas atômicas em Nagasaki e Hiroshima? Foi o "sanguinário" Mao quem mandou dar verbas e canhões para massacrar o povo grego? Ou mandou custear a reação de Chiang e péso de canhões, dólares e técnicos militares para manter a ditadura de terror sobre o povo chinês? Expediu milhões de dólares para que o povo russo seja mantido na miséria, na opressão sob o regime milita-

riaram o seu grande movimento grevista. O importante documento, depois de relembrar as condições de miséria em que viviam os trabalhadores, em consequência da guerra imperialista, de 14-18, rende homenagem aos grevistas e reclama o maior vigor na luta dos trabalhadores pela paz, por melhores salários e por liberdade sindical.

ESPIRITO SANTO

A imprensa capichaba forma que, em consequência da negociação do café, patrocinada pelo sr. Correia e Castro, o Estado do Espírito Santo foi lesado em mais de 100 milhões de cruzeiros.

VOZ DOS ESTADOS

uma pregação de guerra. Todo o conteúdo da carta gira ao redor de uma aliança militar eficiente em caso de guerra, insinuando que os Estados Unidos nos devem ajudar porque só assim seriam salvos da conflagração que o ministro julga inevitável e prevê para breve».

PARANA'

A Legião Parandense de Expedicionário, em reunião de assembleia geral, aprovou por unanimidade um manifesto contra o indulto concedido à traidora nazista Margarida Hirschmann, como também lançou um veemente protesto contra as palavras

revoltantemente falsas e a atitude cinica e arrogante de colaboracionista em suas declarações aos jornais.

BAHIA

A Associação Geral dos Trabalhadores lançou um manifesto comemorando a data de 7 de junho de 1919, quando os operários bahaianos in-

Unidade dos Povos Continentais Pela Paz e a Independência

O Jornalista Assustado E o Poeta Sensível

Astrojildo PEREIRA

Realizar-se-á a 1. de Agosto, no México, o Congresso Continental dos Partidários da Paz — Convocado por representantes de 16 nações americanas — Troca de cartas entre Cárdenas e Wallace — Poderosas forças, neste Continente, podem e estão desejosas de se unir para barrar o caminho aos traficantes de guerra — Apoio da C.T.A.L. e ilustres personalidades políticas e intelectuais dos E. Unidos e da América Latina



Henry Wallace

A CONVOCACAO de um Congresso Continental pela Paz, feita pelos delegados dos povos americanos ao Congresso de Paris, vem concretizar uma ideia que, há tempos, está mobilizando personalidades representativas da vida política, economica e cultural de nossos países.

Já em março de 1948, no Terceiro Congresso da C. T. A. L., sob a presidencia de Lombardo Toledano, votava-se uma resolução encarregando seu Comité Executivo de promover os entendimentos para a realização de um conclave em defesa da paz e da independência nacional, na América Latina. Quase simultaneamente, a mesma ideia era lançada em Cuba por um grupo de líderes políticos e destacados intelectuais, pertencentes ás mais diversas agrupações partidárias e das mais variadas tendências ideológicas.

No México, o ex-presidente Lázaro Cárdenas foi dos primeiros a aplaudir a iniciativa. Neste sentido, dirigiu-se ao antigo vice-presidente norte-americano, Henry Wallace, expondo os temores e as aspirações dos

povos latino-americanos. **CÁRDENAS E WALLACE** "Oxalá — dizia Cárdenas em sua carta ao companheiro de Roosevelt — que o espetáculo das duas guerras mundiais passadas logre produzir o ambiente necessário para levantar uma verdadeira onda de oposição a toda possibilidade de outra guerra e que os sentimentos generosos dos trabalhadores de campo, das fabricas e das minas de Norte-América se empenhem em lograr que os órgãos verdadeiramente democráticos de seu país encaminhem o poderio económico e a força material de sua opinião por caminho de paz". E acrescentava em seguida: "É preciso não esquecer que o principal obstáculo para se atingir este propósito é o imperialismo opressor..."

Em resposta ao ex-presidente mexicano, disse Wallace: "Preocupa-me muito o rumo, imperialista que os dirigentes democrata-republicanos querem dar á política internacional de meu país. Tratar de dominar o mundo, oprimindo e esmorecendo os povos em benefício dos privilégios da fortuna não é a maneira, no meu entender,

de assegurar a paz, a liberdade e o melhoramento económico do homem humilde".

Os termos dessa correspondência atestam a solidariedade existente entre as forças progressistas do Continente — uma verdadeira solidariedade continental muito diversa desse "pan-americanismo" guerreiro pregado pelos homens de Wall Street e seus agentes, o qual visa dominar nossos povos e lançá-los como carne de canhão na chacina que preparam os monopólios lanques contra a humanidade. As palavras de Cárdenas, interprete dos sentimentos das grandes massas latino-americanas que o admiram, e a resposta dos setores democráticos e de Wallace, representante progressistas da América do Norte, mostram que existem em nosso Continente forças consideráveis que se opõem vigorosamente á deflagração de nova guerra e que estão dispostas a unir seus esforços para impedi-la. Que essas forças não se circunscrevem apenas ao proletariado — que já no 3.º Congresso da C. T. A. L. lançava a ideia da união dos povos latino-americanos contra a guerra de Wall Street — mas a outros setores da população, dos quais o ex-presidente Cárdenas, no México, e Henry Wallace, nos E. U., são representantes dos mais esclarecidos e autorizados.

IMENSA A VONTADE DE PAZ NO CONTINENTE

A verdade é, entretanto, que essas poderosas forças que, na América, não admitem o desencadeamento de nova guerra, só agora se estão mobilizando para impedir, "pela força material de sua opinião", como o queria Cárdenas, que os traficantes de sangue humano consumem os seus criminosos propósitos. Contudo, grandes progressos já se realizaram nos diversos países do Continente — inclusive nos próprios E. U. e no Brasil, — para a organização da opinião publica em defesa da paz. Já ao Congresso de Paris acorreram representantes de 16 nações americanas, falando em nome de poderosas organizações como a C. T. A. L. e as centrais sindicais do Chile, do Equador, da Bolívia e igualmente de setores dos meios políticos e culturais de nossos países. No movimento em defesa da paz, já se encontram nomes como os de Henry Wallace, Paul Robeson, Professor William Du Bois, nos E. U., e de Cárdenas e Avila Camacho

(ex-presidentes do México), Juan Marinello, Fernando Ortiz, Toledano, Carlos Marquez Sterling (ex-presidente da Assembléa Constituinte de Cuba), o ex-presidente Batista, o general Mujica, Pablo Neruda, o lider liberal argentino Peluffo Iscaro Fontana, o professor Gregorio Bergman, o general venezuelano José G. Gabaldón, Lucila Palacios (senadora Venezuelana), Calo Prado Junior, Maria Schemberg, Jorge Amado e tantos outros, na América Latina.

Esses nomes e essas poderosas organizações operárias que se lançam á luta pela Paz em nosso Continente são uma afirmação da imensa vontade de paz de nossos povos. Vontade de paz, entretanto, que, para contribuir decididamente para barrar o caminho á agressão imperialista, precisa ser urgentemente organizada e mobilizada em cada país e fundada numa ampla frente continental contra a guerra de Wall Street, pela independência dos povos latino-americanos.

Este objetivo realizará o Congresso Americano dos Partidários da Paz, convocação para 1.º de Agosto próximo, na cidade do México.

IMPORTANCIA DO CONGRESSO

A oportunidade do Congresso é inegável, principalmente agora que, ante os sintomas evidentes da crise económica nos E. U. e nos países capitalistas, os monopólios lanques, que já têm adiantados os preparativos guerreiros em toda a parte onde dominam, procuram desesperadamente deflagrar uma nova carnificina. "Entre a guerra e o fantasma da crise preferimos a guerra" — sob este lema, clinicamente enunciado pelos magnatas lanques, desenvolve-se num sentido de crescente hostilidade á União Soviética e aos povos livres a política dos círculos governantes dos E. U. e dos países a eles submetidos. E se os agressores atômicos

(Conclui na 11.ª página)

E O PACIFICO

Dalcidio JURANDIR

Ista é feudal que serve ao imperialismo americano? E agora na Bolívia são contra os partidários de Mao que os mineiros se levantam? Ou contra os serviços do "pacífico" Truman?

Sangue na China, sangue na Indonésia, sangue na Bolívia, no Paraguai, na Espanha, sangue na Grécia e na Coreia, e Mr. Truman é o "pacífico". A esquadra americana anda pelos mares da Europa pronta para bombardear e ensanguantar. E Mr. Truman continua "pacífico".

Acumulam-se os depósitos de bombas atômicas, e o próprio Truman afirma que mandará lançar bombas atômicas, quando for necessário. Oh, como é pacífico Mr. Truman! Os soldados de Mao entraram em Changai e pedem agua quente á porta das residências. Os habitantes da cidade ficam pasmosos quando os soldados de Mao querem pagar a agua quente, preferem dormir ao relento a invadir uma casa particular. E os bravos marujos do "pacífico" Truman? Que fizeram em Cuba no monumento de Martí? Que fazem pela Europa, boçais como um senador da Georgia, loucos como Mr. Forrestal, idiotas como os Três Patetas,

A mentira doutrinarista do sr. Tristão de Ataíde define a própria situação de sua: ideias nesta hora. Pacífico o homem que ameaça o mundo com um terror mais cego que o do nazismo e mantém nas áreas governadas pelos lanques a miséria, a fome, o sofrimento, as grandes propriedades feudais, os grandes bancos burocráticos, as minorias do privilegio e a chacina. E sanguinário o homem que entreabre para milhões e milhões de seres humanos essa outrora utopia que é viver dignamente pelo trabalho livre numa terra livre. Os católicos poderão dizer: venha a nós o sanguinario Mão e vá para o diabo o pacífico Truman

BOLÍVIA

O Partido da Esquerda Revolucionária responsabilizou o governo pela chacina dos mineiros de Catavi e Siglo Veinte. As resoluções do Partido, tomadas em assembléa geral, acusavam o governo de ter prendido o senador Lerdn e o deputado comunista Torres Lora no exercício de seus mandatos e forças militares lanques de terem intervindo na repressão á greve nas minas de estanho da Bolívia.

★

MEXICO

No grande comício dos trabalhadores da industria pe-

VOZ DAS AMÉRICAS

trolifera, realizado em Tampico, a policia investiu contra os trabalhadores, tendo os mesmos resistido, resultando mortos e feridos de parte a parte. Os operários lemonstraram o seu repudio aos dirigentes sindicais que assinaram o recente contrato de trabalho, considerado um ato de traição aos trabalhadores.

CUBA

Os ferroviários das estradas de ferro unificadas, de propriedade dos magnatas ingleses, ameaçaram recorrer á greve geral, caso a companhia não readmita centenas de trabalhadores que foram dispensados a pretexto de economia.

ARGENTINA

Dando publicidade á carta do ex-ministério Correla e Castro ao Secretário do Tesouro Americano, pedindo que os Estados Unidos carreguem ás costas o seu país, o Rádio Belgrano, de Buenos Aires diz que tal documento despejava a situação de bancarrota da nação brasileira.

CHILE

O governo Vidella solicitou o concurso dos trustes norte-americanos para a instalação de uma refinaria de petróleo nas proximidades da cidade portuária de Valparaíso. A refinaria em apreço terá direito de explorar as fazidas petrolíferas da Terra do Fogo.

★

ESTADOS UNIDOS

Em Birmingham, no Estado de Alabama, o reverendo Milton Curry, um religioso negro, foi ameaçado de prisão por estar morando numa

zona exclusiva para brancos. O sacerdote se insurgiu contra este novo caso de discriminação racial, que está tendo a maior repercussão por se tratar de um reverendo muito estimado pelos negros.

★

CANADA

Mantém-se em greve os marítimos canadenses. Com a recusa de descarregamento por parte dos portuários britânicos, de navios que haviam furado a greve, o movimento tomou novo impulso declarando os dirigentes operários que a greve só cessará com a elevação de salários.

ISTO ACONTECEU

JUSTIÇA

há cerca de dois anos, depois de preencher todas as formalidades legais, o Partido Popular Progressista, presidido pelo ex-senador Abel Chermont, requereu ao Superior Tribunal Eleitoral seu registro. Somente agora, depois de uma série de chicanes, é que aquele órgão judiciário resolveu julgar o requerimento. Já se processaram quatro juizes, dois a favor e dois contra, e agora falta o voto do sr. Rocha Lagoa. Tudo indica que o resultado será semelhante ao que casou o registro do PCB, pelo escore de 3 a 2. Trata-se de uma questão clara, líquida, do ponto de vista legal. Mas aquele tribunal político não se atém às questões legais. Com exceção dos mesmos dois juizes íntegros, que são os srs. Sá Filho e Ribeiro da Costa, pode-se conhecer de antemão os votos dos demais, uma vez que se saiba descobrir de quem lado estão os interesses da ditadura, do imperialismo, da reação.

O PPP é dirigido por antifascistas sinceros e isso é bastante para que os "três juizes" da reação lhe neguem o registro. Entretanto, um desses três, o sr. Machado Guimarães, pediu vistas, ponho assim o seu voto em dúvida. Quereria ele? Há de ter conhecido, porque alguns dias depois resolveu votar e votou contra. O sr. Rocha Lagoa parece ter gostado do expediente e também pediu vistas. Querendo pôr o seu voto em dúvida. Ainda não votou. Quer dizer, o leilão continua.

A LAMA

DEDOIS de longamente anunciado, o sr. José Américo ensaiou o seu grito contra o acordo interpartidário, de que ele foi um dos artífices e que continua em pleno vigor, sob os auspícios dos homens de Washington e Wall Street. O senador paraibano começa declarando que o acordo "falhou desastrosamente", o que pode ser verdade em relação a certas questões partidárias da Paraíba, por exemplo, mas no que ele tem de fundamental, isto é, de favorecer o imperialismo ianque e liquidar as liberdades democráticas, nisso o povo bem sabe que o acordo teve êxito.

Entim, o grito mesmo não veio. Ele próprio declarou: "Não irei, cautelosamente, além dos fatos de notoriedade pública". E muito mais adiante, ao fim, ameaçou: "E agora, porque fui franco e verdadeiro, lançarei meus petardos no sino da Dinamarca até que escapada toda a lama". Nenhum lhe fez guerra, o governo chegou mesmo a declarar através da entrevista do ministro da Justiça, que o sr. José Américo tinha "prestado um serviço a nação", com o seu discurso. Por isso ele não tirou seus petardos, não falou, "cautelosamente", sobre a podridão de que tem conhecimento. Mas essa podridão é immanha, a onda de lama está subindo tanto, que mesmo sem ser provocada, vai espalhando por toda parte. De fato um dia ou dois após o discurso do sr. José Américo, escapou a lama da carta de venda do Brasil escrita pelo sr. Correia e Castro e aprovada pelo sr. Dutra.

A grande ilusão do sr. José Américo é de que poderá viver no meio da lama, sem se sujar.

SELEÇÕES DA CARTA A SNYDER

NA CARTA, enviada pelo sr. Correia e Castro, proposta por intermédio do sr. John...

Snyder, secretário do Tesouro norte-americano, a venda do Brasil aos homens de Wall Street, destacamos alguns trechos. Baseado em informações do Reporter Esso, isto é, das agências noticiosas do imperialismo ianque, o autor da carta refere-se à guerra: "Passemos a refletir sobre a situação internacional, que noticiários propagados pelo rádio fazem crer que se agrava dia a dia". E oferece uma sugestão para o governo ianque se apoderar de nossas bases, dizendo que "nas circunstâncias atuais" os Estados Unidos "terão de correr em nosso auxílio, na defesa de nossas costas, de nossos portos e de nossas bases aéreas a fim de impedir que inimigos delas se apoderem para defender, com mais facilidade, seus ataques aos pontos vitais das Américas".

E depois de assim leiloiar as nossas bases, implora o despujado ministro: "O Brasil está em situação de amigo necessário. Assim, sr. Snyder, é ele que vos diz: "Ou os Estados Unidos me estendem a mão ou tero de carregar-me as costas".

E num convite aberto à colonização de nossa pátria, oferece todas as garantias e vantagens: "E preciso notar ainda que a cooperação solicitada se traduzirá em empréstimos, como as necessidades, garantias de aplicação e resgate, a juros compensadores, permitindo aos Estados Unidos aplicação segura de capitais". Diz ainda o missivista que "este auxílio financeiro está consubstanciado em vários itens do memorial anexo", memorial que se transformou, mais ou menos, na declaração conjunta Dutra-Truman.

Finalmente, abdicando de nossa soberania, subserviente e cinico, diz o ministro que o sr. Dutra relutou em demitir, mesmo depois de explodido o escândalo: É verdadeiramente confiante, sr. Snyder, que deixo em vossas mãos a solução do problema vital de nosso desenvolvimento econômico e da restauração de nossas finanças".

A carta foi lida e autorizada pelo sr. Dutra. O ministro foi demitido. Mas a política é a mesma, e continua.

M AIS um escândalo rebenta nas esferas administrativas, desta vez atingindo direta e imediatamente os interesses econômicos da população — o aumento do preço do açúcar em mais Cr\$ 1,20 por quilo, no varejo e Cr\$ 45,00 por saco, no mercado atacado. Para o sr. Honório Monteiro, ministro do Trabalho de Dutra, que o patrocinou trata-se de um "aumento insignificante", muito embora o consumidor tenha de adquirir este produto essencial e insubstituível 30 por cento mais caro.

Este aumento no preço do açúcar e a justificativa cinica do sr. Honório Monteiro de que ele não pesará na bolsa do povo é uma lição sobre o caráter do atual governo, sobre os interesses que ele defende e o serviço de quem se encontra o Ministério do Trabalho e seu titular, apresentado como "realizador da paz social" no país.

Recordemos a história da negociata do açúcar.

HISTÓRIA DE UMA NEGOCIATA

Há mais de seis meses reuniu-se uma Comissão do Instituto do Açúcar e Alcool — organismo pára-estatal, em mãos da oligarquia açucareira do nordeste e presidida por um irmão do general Góes Monteiro — para apresentar relatório sobre os custos de produ-

O "Expresso Brasileiro de Viação" Não Respeita Nem as Leis Patronais

Depois da C. M. T. G., a principal empresa de transportes coletivos no Estado de São Paulo é o "Expresso Brasileiro de Viação Ltda". Esta empresa faz o serviço de ônibus em Santos e o transporte entre essa última cidade e a capital paulista.

Sabe-se como é rendosa a exploração de tais serviços, como todas as empresas do gênero veem prosperando rapidamente, acumulando lucros sobre lucros. Para a E. B. V. L., que possui praticamente o monopólio do serviço numa das principais cidades paulistas, esses lucros são fabulosos.

NENHUM DIREITO OPERÁRIO É RESPEITADO

Os lucros da E. B. V. L. nascem, não somente da exploração do povo, que paga passagens sempre mais caras em seus ônibus, mas igualmente da mais impiedosa exploração de seus operários, notadamente dos motoristas e cobradores.

Diversos tipos de salários para o mesmo trabalho ★ As horas extraordinárias de serviço não são pagas com o acréscimo de 20 por cento ★ Os cobradores são proibidos de se sentarem, quando em serviço ★ A empresa mantém uma policia particular temendo a revolta e os protestos dos trabalhadores

Sem o mínimo respeito por qualquer direito dos trabalhadores, a empresa fixa arbitrariamente os salários de seus empregados. A norma constitucional que manda pagar o salário igual para trabalho igual lhe é desconhecida. Os motoristas, por exemplo, que executam todas as mesmas tarefas e dão o mesmo tempo de serviço, tem os mais variados salários: Cr\$ 5,50 — 6,50 e 7,50

por hora. Os motoristas novos na empresa recebem menos 2 cruzeiros que os mais antigos, embora, antes de serem admitidos no serviço, tenham de se submeter aos exames mais rigorosos.

O mesmo se dá com os cobradores, com a agravante de serem ainda mais miseráveis os seus salários: — Cr\$ 3,00 — 4,200 e 4,500 por hora. A empresa elabora, assim, a sua tabela de salários e suas regulamentações sem dar mesmo atenção à legislação patronal existente sob o nome de legislação trabalhista.

la de salários e suas regulamentações sem dar mesmo atenção à legislação patronal existente sob o nome de legislação trabalhista.

VERDADEIRO SÓFRIMENTO TRA OS TRABALHADORES

Outro fato característico das horas de trabalho extra em A. B. V. L. é a não pagamento e acréscimo de 20% o salário correspondente às horas extras ordinárias, quando o operário tiver trabalhado, durante quinze dias, 100 horas além do período normal. Mesmo que o trabalhador tenha trabalhado 80 horas não recebe o pagamento com acréscimo previsto na lei.

Dessa forma cinica e brutal de exploração e roubo que se (Conclui na 11ª. Pág.)

LEMBRANDO O EXEMPLO DE EUGENIA ALVARO MOREYRA

O Programa das homenagens de hoje, no 1.º aniversário de sua morte

TRANSCORRE hoje, 16 de junho, o 1.º aniversário de morte de Eugénia Alvaro Moreyra, combatente de vanguarda da classe operária, cujo exemplo de lutadora constitui um estímulo às mulheres brasileiras — às esposas e mães as intelectuais — de uma vida dedicada aos mais profundos interesses do povo.

O exemplo de Eugénia, neste momento de graves apreensões para as mulheres do Brasil, que vêm pesar sobre a cabeça a ameaça tenebrosa de terem seus antequeridos lançados a uma guerra escravizadora e de opressão nacional, torna particular relevo e não pode deixar de ser lembrado, para ser imitado. Desde cedo, vivendo através de seu temperamento artístico os problemas de nosso povo, Eugénia não vacilou em se colocar a serviço da causa mais progressista e mais pa-

triotica, da causa das massas trabalhadoras brasileiras. Ao lado de seu dedicado companheiro, o escritor Alvaro Moreyra, fez teatro popular, para educar e levar à luta as massas oprimidas. Quando o fascismo se levantou em nossa terra foi das primeiras mulheres a se erguer em luta contra o seu avanço, enfrentando com energia e fibra de lutadora toda a reação policial que se abateu sobre o povo brasileiro. Quando, após a derrota militar do nazi-fascismo, surgiram condições para se fazer com que o voto popular pesasse, em nossa terra, a favor da democracia, foi ela uma das ardorosas campeãs das lutas eleitorais do partido de vanguarda da classe operária. Quando se fazia sentir a necessidade de consolidar a imprensa popular, a imprensa livre

a serviço do povo, constantemente ameaçada pelos golpes do atual governo contra as liberdades democráticas foi Eugénia a mais incansável realizadora do movimento de ajuda aos jornais da classe operária. E isso ela o soube realizar sem descuidar sua condição de mãe e esposa dedicada, capaz de manter um lar feliz e harmonioso, inspirado nos altos ideais que defendeu vigorosamente.

Por isso, ao transcorrer o 1.º aniversário de seu falecimento, seus amigos e seus companheiros de lutas, recordando este exemplo dignificante, promoverão homenagens à sua memória. Entre essas homenagens estão programadas para hoje: romaria ao Cemitério de São João Batista, no dia 16, às 9,30 horas; às 14 horas do mesmo dia uma co-



missão de moradores de Copacabana visitará a Câmara Municipal solicitando seja dada a uma das ruas do bairro o nome de Eugénia; às 17 horas, na ABI realizar-se-á uma solenidade promovida por um grupo de amigos, na qual figuram os srs. Jorge de Lima, Candido Campos, Manoel de Abreu, Luiz Guimarães e João Daudt de Oliveira. Finalmente, às 20 horas, no 7.º andar da ABI terá lugar uma palestra do escritor Dalcídio Jurandir sobre o exemplo de Eugénia, promovida pelo MATH.

UMA NEGOCIATA - O AUMENTO DO PREÇO DO AÇÚCAR

O Ministério do Trabalho que acha exorbitante um aumento de salário de 20%, julga insignificante o aumento de 30% no preço dos generos essenciais ★ São grandes os lucros que obtêm os usineiros ★ O açúcar é vendido para o estrangeiro a preço inferior ao do mercado interno ★ Luta contra as mãos bras aliistas e por aumento de salários

ção deste gênero no país. Apresentando os dados e cálculos tendenciosos dos próprios usineiros interessados em elevar o preço da mercadoria, a comissão do IAA chegou a conclusão de que, na safra de 47/48 o custo médio do saco de açúcar orgava em Cr\$ 122,12. Afirmava, ainda, que havia escassez do produto. Esses fatores — um elevado custo de produção, que dava aos usineiros um lucro de "apenas" Cr\$ 13,78 por saco e ainda a escassez dos mercados — justificariam, segundo a comissão do IAA, o aumento imediato do preço do produto.

Entregue o caso ao Ministério do Trabalho este, através de outra comissão designada para estudá-lo, concluiu pela concessão do aumento.

GRANDES LUCROS DOS USINEIROS

É evidentemente falso o cálculo fornecido pelos usineiros. Para justificar a manobra altista, o IAA baseou-se justamente na situação das empresas naturalmente deficitárias, naquelas que funcionando com os maquinismos mais antiquados e não renovados há muitos anos, são naturalmente anti-econômicas. A produção dessas empresas representa apenas uma parcela da produção nacional de açúcar, parcela mínima que não altera a situação geral da indústria açucareira. O "Estado de São Paulo", analisando os balanços de 14 usinas de açúcar localizadas em São Paulo e no Distrito Federal mostra que, em 1948, elas tiveram um

lucro líquido de perto de 69 milhões de cruzeiros para um capital de 296 milhões.

Esses lucros não são, naturalmente, os de uma indústria deficitária.

O AÇÚCAR É VENDIDO MAIS BARATO PARA O ESTRANGEIRO

Por outro lado, a situação dos mercados não é de escassez. A safra de 1948/49 foi superior a 23,7 milhões de sacos, quando o consumo nacional (de açúcar tipo usina) não passou de 19 milhões de sacos. Os excedentes desse período sobem, portanto, a mais de 4 milhões, o que, somado com os anteriores (4.876.887 sacos no início da mesma safra) permitiu uma exportação de mais de 6 milhões de sacos deixando ainda um saldo de quase 4 milhões.

Ora, em tais condições, a

tendência natural dos preços seria a da queda, como aliás se vem verificando no mercado exterior. Nos EE. UU. já se verifica forte queda no preço do açúcar por atacado, no Bolsa de New York.

Por isso mesmo, os produtores brasileiros continuam vendendo o nosso açúcar no exterior a preços inferiores aos do mercado interno — isto é, inferiores a 120 cruzeiros o saco. Em síntese: como já acontece com o nosso café, a população brasileira consome o açúcar produzido no país a preços muito mais elevados do que é vendido no estrangeiro. E é medida que caem os preços do mercado exterior, os grandes usineiros, com o propósito de manterem seus super-lucros e contando com o apoio escandaloso do governo forçam constantemente a alta no mercado interno, tornando cada vez mais proibitivo o consumo do produto por largas camadas da população. Nosso povo consome menos de 60 gramas diárias de açúcar — o que demonstra o estado de sub-alimentação em que vive, pois se trata de um elemento indispensável especificamente às crianças e aos trabalhadores.

O ASSALTO A INDUSTRIA NACIONAL DE ALCALIS

Uma propaganda maciça, na imprensa de aluguel, nos rádios, na tribuna parlamentar e até na cátedra — sempre chegam os advogados dos consórcios imperialistas, mascarados de «professores» — tenta enganar os tólos com a chamada «ajuda» do capital colonizador e «solução» dos problemas brasileiros.

O truste de produtos químicos «DUPERIAL», depois de penetrar no país, destruiu a industria brasileira de alcahis, conseguindo seu monopólio durante oitenta anos. Que é a DUPERIAL, «herdeira» da I. G. Farben alemã e relacionada com o grupo canadense da Light. O que o governo entregou

Nasceu a Duperial da fusão da E. I. Dupont de Nemours & Cia. Inc., com o truste anglo-belga Imperial Chemical Industries, passando os ingleses, que foram chefes da firma desde a fundação, à posição de sócio menor, sob o domínio de um dos mais poderosos grupos capitalistas da América do Norte, o grupo Dupont.

Quem diz Banco do Canadá diz o grupo Light, e assim, investigando sobre os reis dos alcalis, temos uma idéia prática do que é o imperialismo, bem como do entrelaçamento do capital financeiro anglo-americano, já agora com a hegemonia do Ianque sobre o sócio menor inglês.

mesmo livro que citamos está declarado que a Duperial do Brasil mantém ligações com a E. I. Dupont de Nemours & Cia. Inc., com a Imperial Chemical Industries e com a Cia. Brasileira de Cartuchos. O QUE O GOVERNO ENTREGOU

A Duperial distribui em nosso mercado interno cotas de soda cáustica e de potassa insuficientes para o consumo da industria farmacêutica, das

Nesse terreno, a história dos alcalis é das mais ilustrativas. Foi o governo Dutra que entregou, por intermédio do Conselho de Minas e Metalurgia, ao truste estrangeiro Duperial, a exploração e o controle absoluto da industria nacional de alcahis, quando já duas grandes empresas brasileiras, a maior das quais constituída por capitais do Estado e de ações particulares, estavam aparelhadas para cobrir com seus produtos cerca de 40 por cento das necessidades de nosso mercado.

Que vem a ser essa Duperial tão falada? É o gigantesco truste anglo-americano, «herdeiro» da não menos famosa I. G. Farben alemã. Ele domina hoje, em forma absoluta, no mundo capitalista, o comércio internacional de alcalis e demais ramos da industria química, que é considerada básica, pois dela dependem em maior ou menor escala todos os demais ramos da produção fabril e das atividades agropecuárias, inclusive.

No Brasil, a Duperial funciona sob o nome de Industrias Químicas Brasileiras S.

Verificamos que a «Industrias Químicas Brasileiras Alcahinas S. A.» não é a mesma coisa, cotejando os da-

Pedro MOTTA LIMA

com o capital de 14 milhões de cruzeiros apenas, para efeitos de contabilização e sonegação de impostos de renda. Confessou a distribuição de 9% de lucros em dividendos no ano de 1942, e de 20% em 1943. Daí por diante são desconhecidos seus lucros

Quando começou a lutar contra a industria brasileira de alcalis, a Duperial tratou de afeivelar a cara outra máscar, fundando a «Industrias Químicas Brasileiras Alcahinas S. A.» com o capital de 5 milhões e 100 mil cruzeiros, num total de 25.000 ações. Destas 25.000 pertencem a Losanae Ltd ou seja, ao Royal Bank of Cana-

das relativos à sua composição no «Livro das Sociedades Anônimas Brasileiras» (Soa, maio, 1946). A pagina 856 dessa edição vemos que são diretores da Industrias Brasileiras Alcahinas os srs. Rodrigo Otávio Filho, Ralph Olsburgh e Norman Bayford e a pagina 395 encontramos como diretores da Industrias Químicas Brasileiras Duperial os mesmos Srs. Ralph Olsburgh, Norman Bayford e Rodrigo Otávio Filho. Do Conselho Fiscal de ambas as sociedades participam igualmente os srs. Alexander Anderson, George Saney Benedict, Edward Orrel Peel e Frank Edwin Fuller. Nesse

fábricas de sabão, perfumarias e demais mistérios. Embora os preços sejam tabelados, a excassez determina que a procura se satisfaça no cambio negro. Assim, o truste controla o comércio e estende sua influência em contratos paralelos com as industrias que dependem de seus produtos.

Para sairmos desta dificuldade e independizarmos um setor industrial de tamanha significação, como o dos alcalis, teríamos de tomar o caminho de sua nacionalização, para o que já linhamos meio caminho andado com as duas grandes empresas nacionais — a Salmagema e a C. N. A. Mas este não seria

um caminho para um governo seriamente comprometido com o capital colonizador, como o do sr. Gaspar Dutra.

Com o evidente propósito de favorecer o truste o governo orientou-se em sentido, não de fortalecer mas de liquidar aquela nossa industria básica. Vamos começar a colher os frutos do capital brasileiro invertido nas duas grandes fábricas. Mas, desde fins de 1946, quando os agentes imperialistas festejam seus primeiros grandes êxitos e durante todo o ano de 1947, uma campanha derrotista ganhou impulso. Os porta-vozes da «ajuda do capital colonizador» apontavam e exageravam os erros técnicos e os vícios de esbanjamento da Cia. Nacional de Alcahis, sem indicar os meios de sarar antes considerando-os próprios da «incapacidade» brasileira para abandonar o terreno ao truste estrangeiro. Essas falhas, aliás, resultavam menos do clima de desonestidade que existe até agora nas altas esferas administrativas, do que, como tudo indica, de uma sabotagem organizada pelo capital colonizador.

E assim, enquanto a opinião publica era desviada pelo combate à Cia. Nacional de Alcahis, a Duperial acelerava, em silêncio, o avanço até abocanhar a riqueza americana. Um belo dia, o governo fez publicar o fato consumado: a entrega às Industrias «Brasileiras» Alcahinas S. A. da Industria e do mercado nacional de alcalis, em caráter de monopólio, pelo prazo de oitenta anos. Era uma das mais brutais e vergonhosas concessões feitas em todos os tempos a um truste estrangeiro.

ATE' QUE O POVO EXPULSE O USURPADOR

Com sua politica de apelo e favoritismo ao capital estrangeiro o governo submeteu-se incondicionalmente às imposições da Duperial, e a Companhia Salmagema, numa capitulação incrível, resultado por certo da grande pressão imperialista combinada com o suborno, também entregou os pontos ao inimigo. Firmou-se um contrato leonino tipico, sem consistência juridica, daqueles que um governo verdadeiramente democrático e apoiado no povo pode denunciar, expulsando a usurpador, como fizeram os mexicanos, com o presidente Cárdenas a frente no caso da nacionalização de seu petroleo. As cláusulas dessa concessão humilhante ai estão sendo cumpridas, no entanto, e até que o movimento patriótico tome corpo e imponha o devido respeito as nossas prerrogativas, serão como obrigações exigidas na ponta da baioneta por um tratado de paz em que o vencido se submete, oprimido e vexado a inexorável conquistador.

O POVO BAIANO IMPEDIRA OUTRO ASSALTO DA «CIRCULAR»

O povo baiano tem hoje, a responsabilidade de impedir o pagamento de indenização de 11 milhões de cruzeiros a imperialista Companhia Circular, pelo quebra-bondes de 1930.

Os antecedentes do caso ainda estão bem vivos na maioria de todos os bairros. Em 1930, a Circular, empresa imperialista ligada a Bond and Shafe, já era alvo do ódio e revolta do povo pela exploração a que nos submetia, pelos insultos que praticava contra o nosso patriotismo.

Os fatos ocorreram no dia 4 de Outubro de 1930. Tendo-se iniciado os trabalhos de reforma do Plano Inclinado Gonçalves, as instalações antigas, pelo mau estado em que se encontravam, tinham sido quase inteiramente destruídas. Construiu-se, então, um sanitário provisório, mas tão mal colocado que recebia a sr. de chapa, durante boa parte do dia. Para sanar o defeito, o chefe dos serviços de Engenharia da Circular, o Ianque Mr. Underwood, mandou colocar a bandeira nacional, que os operários hasteavam nos dias feriados, como blando de sanitário, numa insolencia típica dos «arianos» norte-americanos.

O governo Mangabeira quer entregar 11 milhões de cruzeiros á empresa imperialista. A revolta popular de 1930 contra o achincalhe dos gringos Ianques á bandeira nacional. Continua vivo como antes o patriotismo dos naturais da Bahia

Reportagem de José GORENDER

tário provisório, mas tão mal colocado que recebia a sr. de chapa, durante boa parte do dia. Para sanar o defeito, o chefe dos serviços de Engenharia da Circular, o Ianque Mr. Underwood, mandou colocar a bandeira nacional, que os operários hasteavam nos dias feriados, como blando de sanitário, numa insolencia típica dos «arianos» norte-americanos.

REVOLTA POPULAR

A bandeira foi logo avistada, o insulto foi compreendido e a revolta popular não se fez esperar. O patriotismo do povo baiano não poderia tolerar que nosso pavilhão fosse conspurcado por estrangeiros insolentes e audaciosos.

Logo que se espalhou a noticia uma grande multidão dirigiu-se ao Plano Inclinado, invadindo-o e retirando a bandei-

ra. Comícios inflamados foram realizados nas escadarias da Cathedral e na Faculdade de Medicina, manifestações se improvisavam, todo o ódio que o povo votava aos americanos da Circular explodia numa furia irresistível.

QUEBRA-BONDES E CAGADA AOS AMERICANOS

Ao todo, 83 bondes foram destruidos pelo povo; as obras do Plano Gonçalves foram arrasadas. A multidão arrancou as portas de aço do elevador Lacerda, destruindo suas instalações; o edificio dos escritórios foi invadido e depredado, a estação de Roma foi completamente destruida.

Ao mesmo tempo, realizava-se uma verdadeira caçada aos gringos da Circular. Entretanto, nenhum deles foi achado, toda a sua arrogancia de «raça» (Conclui na 10.ª página)

UNIAO SOVIETICA

Falando á imprensa, o poeta e senador chileno Pablo Neruda salientou o contraste de sua visita e a que faz presentemente o gen. Montalva, chefe do exercito chileno, á América do Norte. «Nos Estados Unidos — disse Neruda — o general é convidado para lhe exhibirem instalações militares e mesmo a bomba atômica. Na União Soviética o poeta é convidado para as festas de Pushkin. De um lado, a paz; do outro lado, a guerra».

BIURMANIA

O Partido Socialista da Birmania, em uma declaração de sua Comissão Executiva, reuniu-se recentemente

Nos Quatro Cantos do Mundo

em Rangum, proclamou que a «vitória do povo chinês constituiu um valioso auxilio para a vitória do povo da Birmania do jugo imperialista».

INDONESIA

Os guerrilheiros indonesios desfecharam um ataque contra uma localidade a 28 quilômetros de Jogjacarta, do qual resultaram vários feridos entre as tropas coloniais holandesas, inclusive um oficial belga.

GRECIA

Uma grande derrota foi infligida pelos guerrilheiros ás forças do governo títere grego, na batalha dos Montes Gramos. Foram completamente rechacadas as forças monarcho-fascistas da região, após a queda de Patoma, ao noroeste de Konitsa. Por último, as forças do governo de Atenas foram envolvidas em Prophet Elias, perto de Oxya, em Thootokos, ao norte do rio Sarantokos.

PAQUISTAO

O primeiro ministro do Paquistão aceitou o convite que lhe foi feito pelo governo soviético para visitar Moscou e outras cidades da União Soviética.

TCHECOSLOVAQUIA

O «Comitê de Ação Católica» realizou uma grande conferência com a participação de cerca de duas centenas de bispos católicos, constituindo

a primeira manifestação tomada contra a posição do Vaticano e a mando deste, do arcebispo de Praga, do hostilidade ao governo. Na proclamação dirigida a todo o clero, os bispos ressaltam: «Somos e continuaremos a ser membros devotos da Igreja e cidadãos leais á República Popuiar da Tchecoslovaquia».

ITALIA

Entrou no segundo mês de duração a greve dos trabalhadores agrícolas italianos. A intervenção da policia nas proximidades de Milão ocasionou violentos choques. Na região de Veneza a policia tentou impedir um grande comício de camponeses, resultando feridos de parte e parte, inclusive um oficial que comandava as forças policiais.

RESENHA PARLAMENTAR

DEBATE SOBRE A CRISE DO CACAU

Teve extraordinária repercussão na Camara o discurso do sr. Pedro Pomar, pronunciado na 2.ª feira, dia 8, sobre a crise do cacau. Respondendo a numerosos apertes, o deputado paulista descreveu em traços vivos o caráter e as causas da grande baixa dos preços internacionais, nos últimos meses, em virtude da ação do truste americano da Caca Company, com a cumplicidade do Sr. Mangabeira e do Banco do Brasil, financiando a remessa de 500 mil sacos de cacau para Nova York, em consignação, sem pagamento.

A POLITICA FINANCEIRA DO GOVERNO

Em tórno ao projeto de orçamento, traz o deputado Pedro Pomar na sessão de terça-feira, novas denúncias á Camara, sobre a politica financeira do governo, cuja finalidade — diz, a certa altura — «é tornar o nosso povo cada vez mais pobre, e uma minoria de negociastas, a começar pelo sr. Correia e Castro, Ministro da Fazenda, cada vez mais rica». E o orçamento, sempre deficitário, os impostos indiretos cada vez maiores, os favoros crescentes ás empresas imperialistas, fazem parte dessa politica, conclui o orador.

OS OPERARIOS CONTRA OS INTERVENTORES SINDICAIS

Em aparte ao sr. Benício Fontenelle, na sessão de 4.ª feira, dia 8, quando este lia um memorial do Sindicato de Trabalhadores da Industria de Fiação e Tecelagem, mostrou o deputado Pedro Pomar que aos trabalhadores não interessa defender seus patrões, mas as suas próprias reivindicações como o aumento geral de salários. Ha patrões como o sr. Guilherme da Silveira que têm lucros de mais de 40 milhões conclui o aparteante, e não querem aumentar os salários. O orador que defendia a bajulação patronal dos «interventores» daquele sindicato, foi obrigado a concordar com o aparte.

O SR. JOAO NEVES EM BOGOTA

A propósito da carta do sr. Correia e Castro a mr. Snyder, teve o deputado Pedro Pomar oportunidade, na sessão de 5.ª feira, de compará-la com o discurso do sr. João Neves, em Bogotá, quando este defendia também a «alienação de nossa soberania em favor da América do Norte». Ocupava a tribuna o governista Vasconcelos Costa, que não teve resposta ao aparte do sr. Pedro Pomar.

O DESPRESTIGIO DO PARLAMENTO

Debatendo um projeto que manda incorporar a Fundação Brasil Central ao Plano de Valorização da Amazonia, pronuncia importante discurso na sessão de 6.ª feira, dia 10. Mostra a desmoralização do Parlamento apoiando todas as manobras políticas do governo, desde a distribuição das verbas da Amazonia para beneficio dos latifundiários, até a politica de tração nacional, com as (Conclui na 8.ª página)

SALARIOS DE FOME NOS HOTEIS DE CAXAMBU'

A cidade Caxambu, estancia hidro-mineral sul-mineira, de um grande movimento de veranistas, todos os anos, de janeiro a abril. O numero de hotéis all é redusidissimo. No maximo 15, sendo que o Glória, o maior da localidade, comporta 600 hospedes, cobrando de Cr\$ 100,00 a Cr\$.. 160,00 a diária. E apesar desses preços o salário dos empregados é um salário de fome.

Nos três meses de verão os garçons ganham 680 cruzeiros; ajudantes 550 cruzeiros; chefe da cozinha 500; confeitores, 300; ajudante de cozinha 250 a 280 cruzeiros; arrumador de quarto, 100 a 150 cruzeiros e assim por diante. E isso apenas durante os 3 meses de verão.

Nesta mesma cidade existe uma parque com uma fonte de agua mineral. Os seus directores são os sr. Alvaro Silva e Ciro Gama Cruz, tendo como Diretor Hipotecário e tubarão Mario de Almeida. Pois bem, esses senhores tiveram o descaramento de cobrar a entrada aos visitantes a Cr\$.. 6,60 por pessoa, inclusive aos residentes na cidade.

Os moradores de Caxambu estão completamente desiludidos e descrentes dos homens do governo, desses "democratas" de vespera de eleições. E na verdade nada é possível na verdade nada é possível esperar das autoridades, que do Municipio, do Estado de Minas ou da União. Vive a população na mais negra miséria e a inquietação é geral. Por isso mesmo, já compreendem os patriotas daquela estancia a necessidade de se organizarem para a luta antes que vejam a fome e a miséria invadir os seus lares.

E. Ouriques — Rio, junho de 1949.

AUXILIO AOS PRESOS POLITICOS EM S. PAULO

Tendo em vista o elevado numero de presos politicos em todo o Estado, e, consequentemente, maior ainda o de pessoas, mulheres e crianças, que em virtude dessas prisões estão em situação verdadeiramente desoladora dada a falta de recursos, acaba de ser organizada uma Associação com o fito de prestar a esses presos e suas familias todo o amparo possível.

Essa associação, que está funcionando a rua Tabatinguera, 120 — sala 3, nesta Capital, receberá assim todo e qualquer beneficio que se destine às familias dos presos politicos, tanto em dinheiro como em roupas, medicamentos, calçados e alimentos. A associação prestará também assistência jurídica a todo e qualquer preso politico, uma vez que a Constituição é bem explicita em seu art. 141 § 8 — Por motivo de convicção religiosa filosofica ou politica ninguém será privado de nenhum de seus direitos ..., para isso ela manterá uma consultoria jurídica sob a direção de abalizado caudido. A associação que foi organizada com o nome de "Comissão Piratinha de Auxilio aos Presos Politicos" tem a seguinte direção: Presidente de honra — D. Maria Pais de Barros; Presidente: Dr. Léo Ribeiro de Moraes; Secretário — Lício Moura; Tesoureiro — Francisco Ferraz de Oliveira; Consultor Juridico — Dr. João Bernardes de Sá.

CONTRA DUTRA E ADEMAR

Dr. Redator: Aqui em São Paulo continuam a nossa luta contra o governo que está vendendo nossa pátria ao imperialismo. Queremos lutar com liberdade e com dignidade. Não nos deixamos enganar pelo Alex Sarcobana e do seu

Amastario, que por enquanto só tem o direito de ser escravizados pelos latifundiários que sustentam Dutra e Ademar no poder, massacrando nossos irmãos por intermédio de uma policia de espancadores e de patas de cavalo em praça publica.

Daqui aproveito para lançar um brado de apelo para a luta contra esses miseráveis, que querem processar nosso líder, o líder do povo, Luiz Carlos Prestes. Esses mesmos bandidos que querem entregar o nosso patrão aos "gangsters" norte-americanos da Standard Oil. Affirmo, ainda, que darei a minha vida se preciso for, em defesa de Prestes, do Petróleo e das nossas riquezas minerais, em defesa enfim, da liberdade, da soberania e da independência de minha pátria.

JOSE CANTALEMO — São Paulo, Capital.

CONTRA A LIBERTAÇÃO DE MARGARIDA HIRSCHMAN

Os portuários de Santos enviavam o seguinte abaixo assinado ao deputado Pedro Pizarro, para ser encaminhado à Câmara dos Deputados:

Os abaixo assinados, em nome dos portuários de Santos, dirigem-se a todo o povo brasileiro, através da voz de V. Excia. que até hoje tem sido um digno representante do povo nesse Parlamento, afim de manifestar o seu repudio contra a libertação de Margarida Hirschman, a locutora nazista que traiu o Brasil.

Não estamos admirados do requerimento assinado por noventa e três parlamentares que pediram a comutação da pena da ajudnte de Hitler, pois o primeiro passo absurdo e reacionário já foi dado quando o próprio Parlamento resolveu cassar o mandato dos únicos representantes operários, e que não aceitamos de maneira alguma é que os outros poderes concordem em libertar uma inimiga da pátria, quando existem encarcerados dois combatentes que lutaram e arriscaram a vida em defesa do Brasil. Esperamos que a voz de V. Excia. se eleve mais uma vez e conclame todo o povo a repelir essa provocação, ao mesmo tempo que deve ser intensificada a luta pela liberdade daqueles heroicos lutadores que de maneira alguma devem continuar encarcerados.

Queira V. Excia. aceitar as nossas — SAUDAÇÕES DEMOCRATICAS.

Santos, 3 de junho de 1949. (as) Alvaro Justino, José Matias, Luiz Gonzaga da Silva e mais 40 assinaturas.

LEIA "Problemas"

Mensagem de Solidariedade Aos Mineiros Bolivianos

A recente greve dos mineiros do estanho na Bolivia teve repercussão continental a mais profunda, como exemplo de um vigoroso movimento operário dirigido fundamentalmente contra a opressão dos trustes norte-americanos. O massacre de centenas de operários feito pelo governo boliviano, levantou protestos indignados de milhares de trabalhadores latino-americanos que se solidarizaram com os grevistas das minas da Bolivia. A Confederação dos Trabalhadores da América Latina, em nome de todas as organizações filiadas, fez-se logo após os mineiros

EM DEFESA DA LIBERDADE DE PRESTES

Os fascistas brasileiros querem novamente meter Luiz Carlos Prestes na cadeia. Mas os inimigos do povo e da pátria se enganam, porque o povo deseja uma vida melhor e a importância da liderança de Prestes nessa luta de todos nós.

Nós trabalhadores, unidos a todos os patriotas e democratas, sabemos lutar e derrotar os lacaios e os agentes do imperialismo de Truman em nossa terra. Processar o "Cavaleiro da Esperança" é desrespeitar a soberania de nossa pátria, é atentar contra a nossa independência.

Luiz Carlos Prestes e seus companheiros lutam por um Brasil livre e democrata. Por isso, o grande líder do proletariado e do povo brasileiro conta com o ódio da reação. Mas nós sabemos defendê-lo inclusive com o risco de nossa própria vida.

Termine minhas saudações aos dirigentes deste Jornal e a todos os democratas do Brasil. Viva Luiz Carlos Prestes. PAULO LUZ ASSIS — Estado de São Paulo.

COM DUTRA É ASSIM

Sr. Diretor: Escrevo-lhe esta para relatar o seguinte, que se passa comigo e que desejo levar ao conhecimento de todo o povo:



"Ha mezes, escrevi ao Sr. Presidente da Republica solicitando do mesmo o apelo para que conseguisse uma matrícula na Escola Militar de Realengo, para um dos meus irmãos, por conta do Governo da União.

Sr. Diretor, acredite V. S. que já fizemos mais ou menos uns dois (2) meses, e nem sequer uma pequena resposta, não do próprio General Dutra, porque tenho certeza que se "comparas" do mesmo, não deixarão chegar em suas mãos, principalmente quando se trata de assuntos como este. Quem

vos está dirigindo está é um Brasileiro, cujo reservista que serviu quatro anos nesta segunda grande Guerra, onde o na ilha de Fernando de Noronha passou 1 ano e 1 mês, ou sejam treze meses, onde até a nossa alimentação, inclusive a água nos faltava; os Officiais e soldados americanos all destacados na construção de uma grande Base Aérea gosavam de grande prestigio e nada lhes faltava.

Neste pedaço de Terra que pertence ao nosso Glorioso e amado Brasil, fiquei destacado treze meses, alistado no 31º Batalhão de Caçadores, onde tinha por comandante o Exmo. Sr. Tenente Coronel Helf de Paula, que logo depois foi substituído pelo seu colega de posto José Portocarrero. Sou um admirador e um assiduo leitor deste Grande Jornal que trabalha em beneficio do Povo Brasileiro e da humanidade. Quero que V. S. publique esta para que o General e seus "comparas" fiquem sabendo que nós Brasileiros temos direito de falar e que sentimos e não ser-mos covardes. Sou natural do Estado de Alagoas, sobrinho em segundo grau do Grande marechal de Ferro FLORIANO PEIXOTO. Quero que por intermédio deste Grande Jornal, V. S. e o honrado povo Brasileiro sejam conhecedores do que se passa por este Brasil.

Com a morte do meu pai, eu, juntamente com os meus irmãos e mãe mudamos para o Grande estado de Goiás, e, residindo atualmente na cidade de GOIANDIRA, do mesmo

Estado. Peço que V. S. publique esta, com a maior atenção possível.

Na expectativa de que V. S. publique esta, subscrevo-me atenciosamente e sou do vosso Grande Jornal um admirador — SILVIO CALHEIROS ACIOLI — Goiandira.

APELO À CAMARA FEDERAL

O que desejo, como artista brasileiro, é apelar para quem pôde e está no caso de corrigir.

do Carmo. Estação de S. Paulo, entidade filiada à C.T.B. solicita que a C.T.A.L. transmita aos companheiros bolivianos todo o apoio dos trabalhadores de Santo André e São Bernardo do Campo, na sua luta contra a exploração implodosa do imperialismo e dos grandes capitalistas nativos, de que está sendo vítima o proletariado irmão.

As lutas vigorosas que estão se delineando em todos os países da América vão rapidamente solidificando e am-

Quero em primeiro lugar lembrar as defeituosas Leis Trabalhistas que nos regem, e que são de influência direta nas artes e nas industrias, e como elas estão impedindo o progresso das artes, não consentindo a aprendizagem sem grandes despesas da parte de quem ensina.

O artista-mestre ensina, paga o Instituto, paga o seguro de acidente, alem das responsabilidades que tem para com os pais do aluno e o Ministério do Trabalho.

As Escolas Industriais não resolvem a crise, pois, além de poucas, não há trabalho bastante para o treinamento dos alunos, para os quais já exige o exame primário e fardas.

Por isso as artes entrarão em estado precário, a não ser que algum ensine clandestinamente, burlando dessa forma as nossas Leis.

O que seria de mim, se na minha infancia, deante de tamanha pobreza em que vivi existissem tais Leis? — Seria hoje um misero "pobre-diabo", pois, já aos meus treze anos, vivia da arte que até hoje me faz feliz.

Quanto aos I. A. P. I. e I. A. P. C., suas Leis e Regulamentos, bem merecem as vistas aguçadas e curiosas da Ilustrada Câmara Federal, pois eles são mais uma espécie de instituição pertencente a usurários do que institutos de beneficência.

A quantia exigida do forçoso associado, o modo de arrecadar e como é concedida a mingua beneficência, merecem reformas radicais. Assim dispositivos recomendando aos chefes cuidado da parte dos funcionarios no tratamento aos associados, pois, na maioria das vezes se apresentam a humilde contribuinte, quase sempre com cara de coveiro em época de epidemia.

Srs. Deputados, há conveniência em melhorar a situação dos comerciários e industriários, para termos uma Patria maior, mais deren olvida e finalmente feliz.

(as.) "JOSE" MARIA NASCIMENTO — João Pessoa (Paraíba).

RESENHA

(Conclusão da 5ª página)

concessões de bases, a diplomacia de lacão dos americanos que adota o sr. Raul Fernandes, rotando a favor de Franco, e dos monarquicos gregos, etc. Acrescenta o orador que o povo brasileiro só poderia prestigiar um Parlamento que fizesse o contrário, que combatesse a miséria dos caboclos da Amazonia, "timas dos "donos de rio", como por exemplo o deputado Agostinho Monteiro, que mandam em regiões imensas. E acrescenta: "Sou filho de um barranco do Amazonas" — concluindo o discurso, afirmando que só a liquidação do latifúndio poderá resolver o problema da Amazonia.

O AGENTE SINISTRO

Valentim Bouças foi um dos homens mandados em primeira mão aos Estados Unidos para negociar os anunciados acordos econômicos. Homem cem por cento a serviço dos monopólios estrangeiros, o agente sinistro do imperialismo, combatendo pelos negócios da dívida externa, especializou-se em cobrar créditos estrangeiros contra o Brasil. A mercadoria de Bouças é o próprio Brasil, com seu minério, seu petróleo, etc.

A MAIOR VERA SECRETA

O demagogico Plano Salte está fracassando antes mesmo de ser posto em exproprios homens das classes da produção. No Senado os promíntes opuzeram-lhe mais de cem emendas. Em cerca de dois anos de discussão e Plano mostra as contradições, as lutas de interesse dos varios grupos integrantes dessas classes. O Plano Salte é uma espécie de verba secreta de 13.000 milhões de cruzeiros e não é possível dividir quantia tão vultosa sem desagradar alguns dos beneficiados. As classes dominantes só são inteiramente solidárias nos planos de opressão e expulsão do povo.

VOZ DAS FÁBRICAS

Experiências das Lutas Operárias

A GREVE DE CAMPINA GRANDE

Têm-se desenvolvido no Estado do Rio, ultimamente, numerosas lutas do proletariado em defesa de suas reivindicações. Assim é que em Volta Redonda os operários lutam por aumento de salários e contra as perseguições que aumentam, com a demissão ou suspensão de vários deles. Nos primeiros dias de abril 4 operários foram suspensos na seção do D.O.M. Imediatamente os 400 montadores reagiram parando o trabalho. A suspensão foi tornada sem efeito, depois de duas horas de paralisação de serviço.

Na fábrica de vidros "São Domingos", de Niterói, os operários estão com dissídio gácho, mas os patrões não querem pagar o respectivo aumento. Por isso aumenta o descontentamento dos trabalhadores. Na segunda quinzena de abril, numa seção, 100 operários pararam o trabalho em protesto contra a tentativa de abolição dos 10 minutos para café. Por esse mesmo caminho se dispôs a seguir para fazer cumprir o aumento conquistado.

Também na Leopoldina os operários são vítimas da absurda assiduidade 100 por cento. No última semana de abril, um operário atrasou 14 minutos um dia e foi descontado no pagamento além de não lhe ser pago o repouso semanal. Em protesto contra isso, os operários do transporte da Serra em Petrópolis, onde trabalha esse operário, pararam o serviço durante algumas horas, iniciando assim o movimento contra a assiduidade cem por cento.

Na Fábrica de Tecidos "Dona Isabel", em Petrópolis, em fins de abril, 100 operários pararam o serviço numa seção, reclamando aumento de cinco cruzeiros. Foi concedido aumento de três cruzeiros. Mas a luta prossegue contra a assiduidade e a perseguição.

A fábrica de tecidos "Pau Grande", em Magé, emprega 1.200 trabalhadores terrivelmente explorados. Em abril, eles reagiram contra essa situação, parando durante horas todo o trabalho da fábrica. Os patrões entraram em entendimentos com os grevistas e prometeram aumento. Os grevistas voltaram ao serviço, mas continuam vigilantes e organizados para fazer respeitar a palavra empenhada pelo diretor.

Em luta por aumento de salários no serviço dos fretes, os carroceiros paralizaram o trabalho nas companhias das malinas. Depois de algumas horas, os patrões vieram entrar em entendimentos com os carroceiros, prometendo aumento. Voltaram ao trabalho e prosseguem, organizados, nos entendimentos.

Os docheiros do porto de Santos prosseguem a campanha pelos cem por cento no aumento dos seus salários.

Numa unanimidade que bem revela o seu indistigável conteúdo de classe, o Supremo Tribunal Federal negou "habes corpus" aos trabalhadores da Light, arbitrariamente presos e processados pela "lei de segurança", por se encontrarem reunidos em sua associação, discutindo suas reivindicações.

Em Jundiá, no Estado de São Paulo, os operários estão lutando contra o desemprego que se verifica, em massa, em várias empresas. No mesmo Estado, em Bragança Paulista, está ocorrendo a mesma onda de desemprego, especialmente na fábrica Santa Basilissa — o que tem despertado pequenas greves de protesto.

Iniciou-se grande movimento na Estrada de Ferro Sorocabana, em São Paulo, pela volta ao trabalho dos ferroviários injustamente demitidos. Nesse sentido, foi enviada um extenso memorial ao diretor da estrada, firmado por inúmeros ferroviários.

Vários operários da empresa estrangeira Rodia Química Brasileira, em Santo André, Estado de São Paulo, foram presos por que pleiteavam com seus companheiros, aumento de salários. Essa intervenção brutal e descarada da polícia a favor do explorador estrangeiro não conseguiu, entretanto, liquidar a luta que continua por aumento de salários.

Em São Caetano, São Paulo, centenas de trabalhadores da empresa americana General Motors estão sendo atirados ao desemprego — o que representa um plano dos imperialistas lanques visando o objetivo de guerra. Assim é que oficiais lanques inspecionaram a nova linha de montagem adaptada para produzir lanques e carros de assalto, e enquanto dispensam operários brasileiros, admitem fascistas e nazistas que chegam a nós- os país como "deslocados de guerra". Lavra grande revolta entre os trabalhadores brasileiros daquela empresa imperialista.

Em Santa Catarina, os mineiros de carvão estão em luta por aumento de salários, havendo a perspectiva de desenvolver-se essa luta até a decretação da greve.

Os operários da "General Electric", no Rio, vencendo inclusive as manobras divisionistas da empresa lanque, conseguiram obrigá-la a pagar repouso semanal para todos os seus empregados.

PRIMEIRAS LUTAS

Os operários de construção civil daquela cidade paraibana iniciaram em princípios deste ano uma campanha por várias reivindicações, entre elas a conquista de aumento de salários, o não pagamento do imposto sindical e o recebimento do repouso semanal. Resolveram os trabalhadores, para isso, organizar-se e lutar.

O Sindicato da Construção Civil estava e continua ocupado por um lacaio ministrialista, que exerce também as funções de agente de polícia. A sua utilização para a luta era impossível. Então, os operários resolveram eleger uma Comissão Central, em assembléia promovida na sede de uma sociedade recreativa. A comissão coube, inicialmente, a tarefa de conduzir a massa à luta pela obtenção de um banheiro, reivindicação sentida profundamente pelos trabalhadores da construção civil.

Essa luta por uma reivindicação simples serviu para infundir confiança nas fileiras dos trabalhadores e a vitória nela alcançada credenciou melhor aos olhos da massa a Comissão Central verificando por experiência própria que é possível derrotar os patrões através da luta organizada, os operários da construção civil lançaram-se com maior entusiasmo e firmeza à luta por aumento de salários e contra o imposto sindical. Não vacillaram em recorrer à greve.

CHOQUES VIOLENTOS COM A REAÇÃO ★ ADESAO POPULAR AO MOVIMENTO GREVISTA ★ MAIS DE 3.000 PESSOAS INVADEM A DELEGACIA DE POLICIA E LIBERTAM OS PRESOS ★ OS TRABALHADORES FORJAM SUAS ORGANIZACOES NO FOGO DA LUTA ★ O QUE ENSINA O VIGOROSO MOVIMENTO DOS OPERARIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Reportagem de Geraldo BARACUHY

...A greve, apesar da fraqueza de sua organização, prosseguiu firme. As fileiras do movimento engrossavam-se com novos contingentes de trabalhadores. Temendo a derrota, a classe patronal lançou mão do Ministério do Trabalho, que convocou uma reunião extraordinária no Sindicato. Mas nenhum grevista pisou lá.

O movimento grevista crescia, colocando ante seus dirigentes o problema de organizar rapidamente a massa. E assim, no fogo da luta, foram criadas comissões, as mais diversas, inclusive os piquetes de greve. O povo não faltou com sua ajuda material e moral aos grevistas. O próprio comércio contribuiu para o movimento de solidariedade.

A construção mais central da cidade foi ocupada pelos trabalhadores, que a transformaram em posto de comando da greve. Os piquetes de greves ocupavam as demais construções.

EMBOSCADA POLICIAL. A reação governamental patronal, porém, preparava uma tenebrosa emboscada. A Comissão Central não percebeu a tempo de que medida que o movimento ganhava intensidade e se reforçava com o apelo popular a reação tentaria afogá-lo em sangue. Não pôde, a tempo, organizar os grevistas e dar-lhes meios para resistir com êxito ao ataque policial que se preparava. Não soube igualmente transformar a greve num movimento mais amplo, que se desdobrasse numa luta das camadas populares solidárias com os grevistas por suas próprias reivindicações. Isso poderia ter destruído os pontos de apoio da reação para o massacre que premeditava.

Campina Grande foi transformada numa praça de guerra, ocupada por tropas da polícia militar e do Exército. No domingo, os grevistas ainda com ilusões de um êxito fácil, pensaram que poderiam descansar. A própria Comissão Central abandonou a construção em que se instalara e que foi transformada em posto de comando da greve. No dia seguinte, a polícia já estava na tábua dos grevistas. Mas eles souberam resistir dignamente. O delegado de Ordem Política e Social, o bandoleiro Machado Rios, chegou a ser desarmado e subjugado. Mas a luta era desigual e a greve terminou afogada em sangue.

O exemplo deste grande movimento, porém, evidenciou aos olhos da classe operária a necessidade de levar a formas mais altas e mais vigorosas as suas lutas, de ligar mais intensamente suas lutas econômicas às lutas políticas e às reivindicações de mais amplas camadas da população local.

LEIA, ASSINE E DIVULGUE "Problemas"

Uma Lição do 1º de Maio EM JUIZ DE FORA

NO PRIMEIRO de maio deste ano, os trabalhadores de Juiz de Fora verificaram, mais uma vez, o papel que os pelegos dão aos sindicatos, dentro da orientação traçada pelo governo Dutra e do acordo-americano.

Além de outras solenidades programadas pelos pelegos para a data, de acordo com o Ministério do Trabalho e o prefeito, constava a realização de um comício, à noite. Nessas solenidades oficiais não se cogitava absolutamente de comemorar o dia do trabalhador, mas de fazer o endeuamento do prefeito, preparando sua candidatura a qualquer cargo em próximas eleições. Os trabalhadores, porém, já não se deixam ludibriar com facilidade e mantiveram-se alheios à demagogia dos pelegos e dos políticos.

Mas, não somente as coisas correram ao contrário do que visavam os promotores dessas "comemorações". Não contavam eles com a nossa presença no comício, esperando continuamente o mesmo com os oradores que, em vez de se referirem aos sacrifícios dos trabalhadores, desde os mártires de Chicago até hoje trucidados pela burguesia capitalista, faziam o elogio de corpo presente do prefeito, elevando-o até às nuvens. Foi nesta altura que perguntamos por que não se dizia uma palavra contra a assiduidade em por cento, imposta aos trabalhadores.

Como as lutas de Rio Grande, no R. G. do Sul, de Saratá Amaro, na Bahia, e Triagem, em São Paulo, o movimento grevista realizado em fevereiro deste ano pelos operários de construção civil de Campina Grande, na Paraíba, tem uma importância considerável na educação do proletariado brasileiro. Esses movimentos mostraram, pela combatividade de que se revestiram e pelos choques violentos com a polícia travados pelos grevistas as reais possibilidades de nossa classe operária de levar as suas lutas a formas sempre mais elevadas e decisivas.

Lindolfo HILL

ção do Trabalho, como resultado da greve de Abril do ano passado. Protestamos contra o transcurso de mais um 1º de Maio com os sindicatos sob intervenção, nos quais os pelegos delapidam o dinheiro dos trabalhadores, como no Sindicato de Construção Civil de Juiz de Fora e no Sindicato dos Têxteis. Falamos sobre a importância da luta pela paz. A ninguém, mais do que aos trabalhadores, interessa a paz. São eles que vão morrer nos campos de batalha para depois "viverem" na miséria.

Os praçinhas, que lutaram no último conflito, estão aí como exemplo, ao desamparo e até mesmo perseguidos e caluniados, enquanto os espíritos nazi-fascistas, como Melo Mourão e Margarida Hirschman são indultados e postos em liberdade. São ainda os trabalhadores que, em nome da guerra, são lançados a um regime de trabalho forçado, dia e noite, com salários miseráveis, enquanto os patrões elevam seus lucros a 70, 80 e até mais de 100 por cento. E depois de propiciarem esses lucros aos patrões, passando o regime de produção de guerra, o que se verifica é a dispensa em massa de trabalhadores, o desemprego, sem que seus mínimos direitos sejam respeitados.

O resultado de nossa intervenção não se fez esperar. Foi o próprio prefeito Dilermando Cruz — o industrial, o banqueiro, o político de acordo americano quem tentou explicar. E investiu contra o aumento de salários, dizendo nada adiantar, pois que é preciso, diz ele, é aumentar a produção, principalmente a agrícola. Mas, como aumentar a produção se os produtores, isto é, os operários, nas indústrias, estão cada vez mais famintos e explorados, e os camponeses, além de sujeitos a um regime de semi-servidão e semi-escavidão, não têm terras para plantar?

A essa pergunta o prefeito não quis responder, preferindo cair na defesa do governo ditatorial do acordo interpartidário dizendo porque não foram ainda votadas as novas leis sindicais que os sindicatos se encontram sob a intervenção policial do Ministério do Trabalho. Mas, quem faz as leis senão o próprio governo, através do Parlamento que manipula e que lhe obedece cegamente?

Os trabalhadores presentes ao comício verificaram como se desmascaram facilmente em praça pública os pelegos dos sindicatos, e seus patrões, os politiquês das classes dominantes. Viram como eles fogem a todos os problemas que interessam realmente à classe operária. (Conclui na 10ª. Pág.)

VOZ DOS CAMPOS

SERA instalado ainda este mês em Santo Angelo, Rio Grande do Sul, o Congresso Municipal de Camponeses. A Comissão Organizadora está em plena atividade, promovendo conferências em todo o município. Duas ligas camponesas, as de Santa Cruz e Independência, já realizaram suas conferências preparatórias, elegendo delegados ao conclave. As Ligas de Entre Ijuís e Catuipe estão se preparando também, para as eleições de seus delegados, e mesmo acompanhando às demais organizações de camponeses do município de Santo Angelo.

Nesse Congresso, os camponeses discutirão suas mais sérias reivindicações e a melhor maneira de conquistá-las contra a escravidão semi-feudal.

ESS E Congresso apresenta tanto maior importância, quando se sabe que os camponeses rio-grandenses do sul são vítimas das mais incríveis perseguições por parte do governo de Walter Jobim, inteiramente a serviço dos latifundiários, e que só poderão enfrentar essas perseguições de maneira organizada. Já grandes massas camponesas vêm se organizando e lutando por suas reivindicações, inclusive pela posse da terra, em Santo Angelo, Ervânia, Getúlio, Gugé, Rosário, etc. Diante disso o tiranete Jobim está estudando a criação de uma polícia rural, afim de mais eficientemente controlar os explorados camponeses e defender os latifundistas.

Os encarregados da formação dessa polícia são ligados aos latifundiários, a começar pelo chefe de Polícia, Dagoberto Gonçalves, membro da família Coimbra Gonçalves, proprietária dos maiores latifúndios do Estado.

DISCURSANDO na Câmara Municipal de Santo Angelo, São Paulo, o vereador Nestor Veras desmascarou o verdadeiro conteúdo das perseguições movidas pelo prefeito daquele município, João Jobim, aos camponeses da região sob o pretexto de combate ao comunismo. A verdade é que esse prefeito, de sociedade com um irmão do traidor Ademas de Barros, está se apoderando ilegalmente como velho grileiro que é, de 10 mil alqueires de terras pertencentes ao Estado, das quais procura expulsar os antigos posseiros.

O escândalo fez com que a maioria do legislativo municipal exigisse o comparecimento ao recinto do prefeito grileiro a fim de dar explicações.

PROSSEGUE a luta dos camponeses de Campopólis do Triângulo Mineiro que estão se organizando e se mantêm dispostos a baixar o escorrelante preço do arrendamento da terra, não entregando mais do que 20 por cento das colheitas ao proprietário da terra. Apesar da perseguição da polícia do udenista Milton Campos, os camponeses não se deixam intimidar.

LUTAS OPERARIAS EM PETROPOLIS

Gréves Contra a Assiduidade com por cento Paralisação em Quase Todas as Fábricas Características do Movimento Votam à Gréve os Tecelões da Fabrica "São Pedro de Alcântara" A Luta Prossegue



Na primeira semana deste mês entraram em greve 5 mil operários têxteis de Petrópolis no Estado do Rio. As fábricas S. Pedro de Alcântara, Dona Isabel, Vera, Cometa, Santa Teresa, Cascatilha e Aurora tiveram seus teares completamente paralisados. Em uma das empresas a parede foi total e teve uma duração de um a três dias.

Os tecelões do Estado do Rio instauraram dissídio coletivo contra os industriais, em 1946, para a conquista de aumento de salários. Vitoriosos na primeira e segunda instâncias, os trabalhadores tiveram ainda de esperar longo período até que o Tribunal Superior do Trabalho, julgando os recursos protocolados dos patrões, terminasse por lhes darinho de causa. Isso se verificou em fins de 1948.

Durante esse período, em diversas fábricas, os trabalhadores compreendiam cada vez melhor que tinham de conquistar o aumento de salários sem se amarrarem ao dissídio. Organizaram comissões de salários e se empenharam em lu-

tas diretas pela conquista de suas reivindicações. A reação policial contra essas lutas foi violenta, levando mesmo a dissolução de várias das comissões de salários já formadas. Mas essas lutas decidiram pelo julgamento mais rápido do dissídio coletivo no Tribunal Superior do Trabalho, e ainda pela conquista do aumento em algumas fábricas, "por conta dos atrasados do dissídio".

Na decisão do Tribunal constatou-se ainda uma vez o caráter patronal da "justiça do trabalho": o aumento pedido foi reduzido e ainda sujeito a uma cláusula anulatória e escravagista, a da assiduidade 100%. Ainda assim, os patrões fizeram depender o pagamento deste aumento — já conquistado desde fins do ano passado — da publicação do Acórdão do Tribunal que tardava.

O caminho da greve era o naturalmente que os tecelões fizessem valer seus direitos. Que... pagamento imediato do aumento, com todos os atrasados e a derrubada da cláusula da

assiduidade com por cento, que é uma forma, não somente de anular o aumento, como ainda de anular o repouso semanal remunerado (como se sabe o operário que não comparecer a todos os dias de serviço, na semana, deixa de perceber o salário do domingo). Ainda desorganizados, com o Sindicato sob o controle ministerialista e sem comissões central e locais de reivindicações, os têxteis de Petrópolis, apesar de ativa combatividade, ficaram indecisos ante as manobras de advogados e agentes do Ministério do Trabalho que espalhavam que a greve seria prejudicial aos próprios trabalhadores.

Mas, em fins do mês de maio declararam-se em greve os tecelões de Friburgo. A notícia deste movimento chegou rapidamente a Petrópolis e reforçou a combatividade dos operários. E mais alto ainda elevou o seu espírito de luta a notícia dos jornais de que também em Magé os tecelões haviam entrado em greve. Pouco depois, um grevista de outro município chegava a Pe-

trópolis e falava diante de numeroso grupo de operários, pedindo-lhes solidariedade ao movimento grevista. O apelo foi transmitido rapidamente à massa e quando, no mesmo dia, a fábrica "São Pedro de Alcântara" apitou para pegar o serviço, os tecelões ocuparam seus postos, mas ficaram de braços cruzados. Iniciava-se a greve com esta característica: os grevistas permanecendo de braços cruzados diante das máquinas. Os patrões que já haviam dito que não entrariam em entendimentos com quaisquer comissões que não as do Sindicato, mandaram chamar a Comissão da Gréve. Os operários responderam que não havia comissão. Os policiais quiseram, então usar outro método para apagar os dirigentes da greve. Mandaram chamar alguns dos operários mais esclarecidos tidos como comunistas. A massa respondeu que não havia comunistas, mas trabalhadores lutando pelo que têm direito.

No dia seguinte a greve na fábrica São Pedro de Alcântara,

aderiram ao movimento os operários da fábrica Dona Isabel, sob a palavra de ordem de luta contra a assiduidade e pelo pagamento dos atrasados. Alí havia em funcionamento uma comissão de reivindicações que procurou se ligar com os operários da fábrica "Cometa", conquistando-os para o movimento. Nessa última empresa, a polícia procurou expulsar os trabalhadores grevistas de dentro da fábrica, mas não conseguiu. Os delegados de Macêdo Soares e do prefeito Castrioto se conseguiram penetrar no edifício da fábrica, apesar das metralhadoras e granadas de mão se conduziam, depois que os operários deixaram o portão, às 15 horas. Um policial que procurou ofender uma operária e prender trabalhadores foi surrado e os demais "tiras" tiveram que fugir de "jeep".

Finalmente no dia 4 de junho, entraram em greve os operários da maior fábrica de tecidos de Petrópolis, — a Cascatilha. A luta era no sentido geral contra a assiduidade e especialmente contra a suspensão de direitos já conquistados pelos trabalhadores — prêmios e abonos de produção. A greve da Cascatilha durou dois dias, a da fábrica São Pedro de Alcântara, dois dias e meio, a da fábrica Dona Isabel um dia e meio e a da "Cometa", um dia.

O movimento grevista de Petrópolis foi intermitente — começava numa fábrica quando em outras já havia terminado. Não havia um comando central que ramificado pelas empresas entrelaçasse e unisse a revolta geral dos trabalhadores ante a exploração patro-

nal protegida pelo governo. Contudo, a massa criou formas de organização no próprio fogo do movimento, de modo a defender seus melhores combatentes da sanha policial.

Os objetivos da greve não foram alcançados, desta vez. Mas ficou claro que o espírito de luta não desapareceu, antes se reforçou entre os combativos operários petropolitanos. Não houve derrota; houve uma retirada por falta de preparação adequada. Os operários voltariam logo à luta para alcançar a vitória. Os tecelões da fábrica São Pedro de Alcântara acabam de retornar à greve — e greve total — contra a exigência da assiduidade, empregando as experiências do último movimento, como a de colocar sua direção em mãos de uma comissão formada de trabalhadores de todas as seções e empresa e escolhida dentro da fábrica, por indicação da massa. Outras empresas, certamente, solidarizar-se-ão com os grevistas da São Pedro de Alcântara, para derrubar o atentado às conquistas operárias, que é a assiduidade 100 por cento e a política de foma governamental-patronal.

A luta agora começa. No seu desenrolar, o proletariado petropolitano dirigido pelos elementos mais conscientes e esclarecidos mostrará que se encontra realmente à altura de suas honrosas tradições de combatentes pelo direito da classe operária à vida, pela liberdade de nosso povo e em defesa da paz.

A CRISE DO CACAU LANÇA OS CAMPONESES NA MISERIA

O CACAU é a maior riqueza agrícola da Baía. A produção de 1946 foi de mais de 100 mil toneladas. Apesar de inferior à de 1947 — quando atingiu a 156 mil toneladas — a última safra deu aos fazendeiros e exportadores, que vendam o cacau a mais de 100 cruzeiros a arroba, lucros fabulosos. Para se ter uma idéia basta dizer que, de 1943 a 1946, o preço médio foi de 35 cruzeiros. Os compradores norte-americanos impuseram, então um preço fixo, que estava muito abaixo da cotação internacional do produto. Terminado o "acordo" com os americanos, em tud, semelhante aos da borracha, da cera de carnaúba, houve, como é natural, uma euforia entre os exportadores e "coronéis", estendendo-se ao próprio governo, que passou a cobrar impostos maiores sobre a produção e exportação do cacau, tornando-o assim o estelo das finanças estaduais. A influência do cacau, se fez sentir também nas finanças nacionais, já que o valor da sua exportação ultrapassou a um bilhão de cruzeiros (1948), ou seja 5% do total da exportação do país. Nesta nova fase, o mercado mundial estava aberto para o nosso cacau, já que a produção mundial era e continua sendo inferior às necessidades. Houve propostas de vários países

Reportagem de Zacárias de SA CARVALHO

para a troca de nosso cacau por máquinas, ferramentas e produtos industriais em geral.

O MONOPOLIO IANQUE DOMINA O MERCADO

Mas o Brasil — por obra da política de traição do seu governo — fugiu aos compradores, para se entregar ao jugo das três companhias que monopolizam a importação e industrialização do cacau nos Estados Unidos. Não houve protesto nem apelo que merecesse a atenção dos governantes. Foram contratados enormes fornecimentos para os Estados Unidos. E os preços passaram a ser ditados pelo grupo ianque constituído pela Cocoa Company, Rochwood Co. e uma terceira. O mercado mundial ficou dividido entre a Inglaterra, de um lado, com o controle sobre a Costa de Ouro, com produção 3 vezes maior que a brasileira, e de outro, os Estados Unidos, dominando a produção latino americana (Brasil, Guatemala, Rep. Dominicana, etc.) e da Libéria, república de opereta mantida pelos americanos na África. Sem lutar contra os dois blocos que dividiram o mundo entre si, não poderia o Brasil tirar qualquer van-

tagem do comércio do cacau, por muito tempo. Os países importadores recebem quotas do famoso "Conselho Alimentar de Emergência", que não passa de um cartel anglo-americano, que impõe preços e quotas, castigando aos "rebeldes" com o bloqueio econômico, como já experimentou em relação ao nosso país, no caso da venda de arroz fora das ordens dos trustes. E ainda é maior o controle no caso brasileiro, que não vende cacau aos seus próprios vizinhos, como a Argentina, que vai buscar o cacau brasileiro nos Estados Unidos, dando lucros ao grupo monopolista, da mesma forma que os países da Europa, em relação ao grupo inglês.

POR QUE OS PREÇOS CAÍRAM

Donos do mercado mundial, os dois trustes combinaram a queda dos preços. Em lugar da super-produção relativa que precede sempre a crise cíclica, o que havia era uma escassez de cacau, em todos os mercados, ainda maior em virtude da diminuição da colheita brasileira e da destruição de canais inteiros, na Costa do Ouro, devido a uma terrível praga. No entanto, a bolsa de Nova York entre dezembro e janeiro registrou uma queda de mais 50% nos preços chegando a 70%, em maio do corrente ano. Os fazendeiros e negociantes baianos retiveram imensos estoques, esperando a volta à normalidade. Mas, aos poucos, se foi tornando irremediável a situação. A cotação do produto, já em março, nas compras aos fazendeiros não passava de 27 cruzeiros a arroba. E que os exportadores, instalados em Ilhéus e Itabuna, procuram

impôr preços ainda mais baixos, para tirar proveito da crise. Suspenderam-se por outro lado, os financiamentos, o que lança ao desespero a lavoura cacauzeira, às vésperas da nova safra, prevista para junho. Nem o governo baiano nem o Instituto do Cacau, nem o Banco do Brasil, apareceram diante dos lavradores para ajudar a resolver o problema crucial da crise. Ao contrário, de parte do sr. Mangabeira e seus prepostos, o que temos visto é a maior subserviência diante do truste americano da Cocoa.

MANGABEIRA FAZ A POLÍTICA DO MONOPOLIO ESTRANGEIRO

Diante da crise que entrara a economia baiana, o governo udenista da Baía voltou-se ainda mais para o lado do grupo dos importadores americanos, patrocinando, em abril deste ano, o envio de 500 mil sacos de cacau da safra anterior para depositar nos armazéns de Nova York, em consignação isto é, sem qualquer pagamento, a pretexto de evitar a deterioração do produto em nossos armazéns não equipados. Para cumulo da submissão, vemos o Banco do Brasil financiar, cumprindo as ordens do governo de traição nacional, a consignação, na base de 40% ou 50%, para que os americanos vendam o nosso cacau quando bem entenderem, forçando desse modo a queda dos preços. Não precisarão oferecer melhores preços, pois agora têm nas mãos o estoque brasileiro. Portanto, a nova safra — a do cacau temporário — que costuma dar ao Brasil posição privilegiada — pois é a única que vai de maio a outubro, época de maior escassez — não terá comprador a preços superiores a 30 cruzeiros a arroba.

E não adianta dizer ao sr. Mangabeira que a queda (Conclui na 11.ª página)

GOVERNO DUTRA



ESTE é Dutra, responsável principal pela carta que tanto humilhou a Nação perante o mundo. Dutra conheceu, antecipadamente a carta de Correia e Castro, que não é uma carta pessoal, mas oficial. Os jornais da reação dizem que o Chefe do governo ficou "indignado", não com a carta, mas com a sua divulgação. A carta está aliás, dentro da linha geral da política de Dutra amarrando o país aos trustes americanos.

ESTE é Correia e Castro, o banqueiro Ministro da Fazenda do governo Dutra, o autor do documento mais humilhante de toda a nossa história: uma carta em que passa recibo de entrega do Brasil aos magnatas ianques. "Deixo em vossas mãos — diz nessa carta o Ministro da Fazenda de Dutra ao Ministro da Fazenda de Truman — a solução do problema vital de nosso desenvolvimento econômico e da restauração de nossas finanças."

OS TRUSTES DOMINAM O MERCADO DO CACAU — QUEDA DE 70% NOS PREÇOS INTERNACIONAIS — A NOVA SAFRA NÃO TEM MERCADO — MANGABEIRA BAIFA OS MAGNATAS IANQUES — MISERIA E DESEMPREGO EM TODA A ZONA CACAUZEIRA — REVOLTA POPULAR CONTRA A FOME E A INANICIAÇÃO — HA UMA SAIDA JUSTA PARA OS CAMPONESES

VOZ OPERÁRIA